

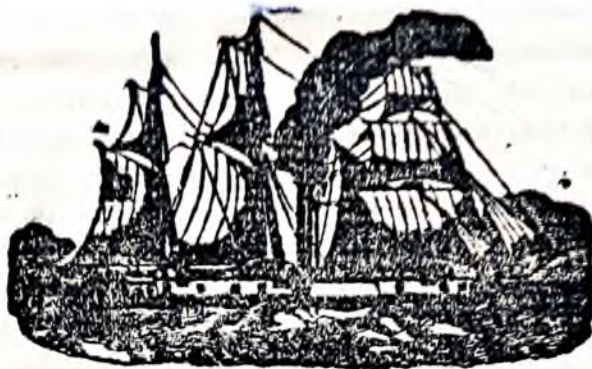


O

ALABAMA

1864-1865

I.G.H.B.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 18.ª

BAHIA 1.º DE MARÇO DE 1865.

N.º 178.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17, a 400 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Noticias do Sul.

Lê-se no *Jornal da Bahia*:

MONTEVIDÉO.—Escrevem-nos da côrte em 23 do corrente:

«A's 8 horas da manhã.

«Acaba de chegar do Rio da Prata o paquete *Princeza de Joinville*, e traz-nos a importante noticia de que Aguirre e Carreras fugiram, constando que o fizeram no paquete francez *Saintonge*, motivo este porque este vapor se communicou com Montevideo. O novo presidente da republica Oriental Vilhalba dá todas as satisfações que o Brazil exigir.

«Felicitó pois ao nosso paiz por semelhante e grandioso acontecimento, que poupa-nos muito sangue que se ia derramar. Temos agora só a ajustar contas com o moderno Attila da America do Sul, o incomparavel Lopez. Elle deve de estar um tanto assombrado com o desfecho da questão oriental.»

O Sr. barão de Tamandaré foi nomeado visconde do mesmo titulo.

—O Sr. marechal Menna Barreto teve o titulo de barão de S. Gabriel.

—Muitos outros officiaes do exercito e d'armada foram tambem agraciados, e viveram accesso.

—Foi removido para a relação da Bahia o Exm. Sr. Dez. Luiz Antonio Barboza de Almeida.

—Foi condemnado o chefe de divisão Gervasio Mancebo.

—Do Paraguay chegou a Buenos Ayres um enviado pedindo permissão de passarem tropas de seu paiz pelo territorio de Corrientes.

O presidente Mitre respondeu-lhe que, assim como o Brazil, tinha o Paraguay o rio á sua disposição.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 28 de fevereiro de 1865.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que mande remover para logar mais conveniente uma enorme porção de immundicia que existe n'uma bocca de lobo á ladeira do Carmo ao pé de uma venda.

—Capitão, encontrei uma alma do outro mundo.

—Sae-te daqui!

—Pensa que é historia, capitão? É serio; vi-a com estes olhos e ouvi-a fallar com estes ouvidos.

—Rapaz, deixa-me!

—Capitão, não sahio no *Alabama* uma historia d'um parricida de galao?

—Sahiu; que teve?

—Isso foi cousa de muito tempo; provavelmente o protagonista já é morto, por que ninguem ouve fallar nelle. Pois o que eu ouvi, capitão, foi na rua Direita de Palacio um sujeito a dizer n'uma loja que a historia era com elle!

—Algum maluco sem duvida.

—Maluco? Depois de insultar muito aos Srs. Marques, Aristides e C., disse que vinha breve quebrar a typographia, cousa para que ha muito tempo já havia elle convidado a seus amigos.

—E então não é isso proprio de maluco?

—Eu acho ao contrario proprio d'um tollo presumido, d'um biltre insolente, ou d'algum gaúcho de corda e bellas.

—Aquillo pode ser tudo que quizeres, menos alma do outro mundo.

—Então, capitão, si tem tanta certeza, mande ter com elle o muxingueiro.

—Mandal-o-lhei; ha de tirar-lhe os galões e p r-lhe algemas; tirar-lhe o bonet e raspar-lhe a cabeça; tirar-lhe a banda e por-lhe uma corrente; tirar-lhe as esporas e atar lhe a calceta.

Findo o que, o muxingueiro fará uma de suas costumadas e lançará ao mar de cabeça para baixo e pedra ao pescoço tão ruim cousa.

—Arre, patife! Pois não disse que havia desfeitear, onde encontrasse-os, a Marques, Aristides e C.!

—Aquillo é tollo ou come....



—O Dr. Freire não tem vindo ao curral?

—Não sei.

—Provavelmente não tem vindo, incommodado talvez. Contaram-me que nos dias 25 e 27 de fevereiro que acaba, bois podres foram esartejados no curral e mandados vender por negras quitandeiras!

—Parece impossivel; lembre-se que alli ha um administrador e um empre-

gado da meza de Rendas, além do medico da camara.

—Ha sim, mas o que é certo é que o povo tem-se tornado urubú; já está tão acostumado com a carniça que nem se queixa.

—Muito pode na verdade o costume!



—Não houve, este anno, prohibição d'entrado?

—Houve.

—Pois nunca vi tanta *brincadeira* como desta vez.

Alli pela Preguiça ninguem podia passar. Ha uma casa que tem muitas moças, muitos homens, muita grandeza, muito luxo, muito *fausto*, e o que se botava em quem passava era mijo, ou agua suja.

—Vá mentir la para o diabo!

—No dia 27, á tarde, a patrulha ao menos foi o que tomou; mijo despejado d'um penico! ...

Isso depois de ter a patrulha pedido ao dono da casa, que é um capitão-ligueiro, que não deitasse agua!

—Boa maneira de respeitar a lei!

—Bom systema de consolidar o *progresso*!

—Tão bom o systema que elle disse que havia mandar para o sul os guardas!

—Bobagem delle! tolice! *faustada*! gabolice! patacoada!

—Ora dá-se!

—Capitão, eu ouvi um homem dizendo que na Bahia os homens honestos não podiam viver, por causa do *Alabama*.

—Quem disse tal necessariamente é um homem *honesto*.

—E' um que matou o pae por *certos negocios* na caixa economica.

—É quer esse ladrão passar vida de *Lopes*!

Com effeito!

—Capitão, não sabe?

—O que?

—O capitão F. Fausto da Silva Castro molhou todo o mundo, nos tres dias

de entrudo, e por fim prendeu a patru-
lha!

—E' do progresso, não faz mal.

O chefe de policia que tracte de in-
dagar a maneira por que seus compa-
nheiros lhe querem garantir a força
moral.

Hymno dos Zuavos Bahianos.

COMPOSTO POR F. MONIZ BARRETTO.

Sou crioulo; da guerra na ch'isma
Por *Zuavo* o meu nome troquei;
Tenho sêde de sangue inimigo;
Por bebel-o o meu sangue darei.

D'Henrique Dias
Neto esforçado,
Vôo ao teu brado,
Patria gentil!
Mais que o da França,
Ligeiro e bravo
Seja o *Zuavo*
Ca do Brazil!

Para medo infundir a contrarios
Tem meu rosto das trevas a côr;
Para vidas crestar de tyrannos
Tem meu peito do sol o ardor.

D'Henrique Dias, etc.

Como pennas as armas manejo;
Corro, como o *veado*, veloz;
Quando estranhos me assanham, me pisam,
Sou *giboia*, sou *onça* feroz.

D'Henrique Dias, etc.

Sou crioulo; da guerra na ch'isma
Por *Zuavo* o meu nome troquei:
Campear vou do sul nas batalhas...
Do meu ferro, *gaúchos*, tremei!

D'Henrique Dias, etc.

Contra a hyena cruenta do *Prata*,
Contra o monstro voraz d'*Assumpção*,
Raio ardente ha de ser o meu braço,
Minha voz temeroso trovão.

D'Henrique Dias, etc.

Como a cor, que o semblante me tinge,
Tenho negra minh'alma, a raivar...
Oh! preciso da luz das victorias
Para clara minh'alma tornar.

D'Henrique Dias, etc.

Mata, rouba, incendia, devasta,
Gorostiaga covarde e cruel!

Tu a pena terás de tens crimes;
Nós teremos da gloria o laurel.

D'Henrique Dias, etc.

De *Gonsalves* (*), o bravo d'outr'ora
Nas refregas do meu Pirajá,
A bradar-me—que morra, ou triumphe
Dentro d'alma a memoria me está.

D'Henrique Dias, etc.

Sou crioulo; *Zuavo* me chamo;
De *Zuavo* o appellido honrarei...
Do meu ferro, nas lides vibrado,
Paraguayos e *blancos*, tremei!

D'Henrique Dias, etc.

~~~~~  
SECUNDA.

Uma *preguiça* não ganha  
A tal vapor—na *carreira*!  
E essa *besta* maritima  
Só anda p'ra *Cachoeira*!

Que fazer! Si a companhia  
Só quer tirar resultado?...  
Mas o publico n'este caso  
E' o que fica *mangado*!

### A PEDIDO

—Capitão, porque rasão rondam os  
artistas e não rondam os doutores e  
desembargadores etc?

—V. está enganado, os doutores  
tambem rondam.

—Rondam nada; pois outro dia um  
inspector convidou a um doutor para  
patrulhar (um liberal) e elle disse que  
estava prompto e quando foi á noite que  
o inspector foi buscal-o, escondeu-se e  
mandou dizer que não estava ahí! . . . .

—Pois olhe, elles devem ser os pri-  
meiros a servir, principalmente este  
doutor de quem V. falla, que é *de*  
*merito*.

Previne-se a certo moço que não  
continue a chamar seus collegas estupi-

(\*) O crioulo tenente-coronel Manuel  
*Gonsalves*, um dos mais bravos e distinctos  
officiaes de Pirajá na luta da Independencia.



dos, porque mais estúpido é quem usa desta palavra continuamente, assim como se o Sr. continuar, mando pelos meus peitos largos os Srs. Palhaço, Semana Illustrada, Pereira da Silva e Manuel Pereira que andem prevenidos para onde o encontrarem tirarem-lhe tantos caroços que tem no rosto; e si isto for pouco mando que tixe mais a dentadura de baixo por que com isto se ha de emendar, assim como previno ao archivista que esta lembrança não é de nenhum dos offendidos e sim dos que todos os dias apreciam a sua boa educação que trouxe do Maranhú.

*O mata cobra.*

O proprietario da loja—Salgada—disse que nunca viu portuguez amigo de brasileiro, nem brasileiro amigo de portuguez.

Ora que asno, que desfructavel.

Homem isso pode ser mentira.

Não é, Sr. pois eu o ouvi proferir estas bostas quando passava pela rua do Pereira, e que eu tive a infelicidade de passar por elle, n'essa mesma occasião, ao contrario não lhe fallaria com tanta certeza.

Entrega ao desprezo esse bruto cara de salto, e perdoa-lhe, pois elle não sabe, e nem tem consciencia do que diz. Vae muxingueiro, da-lhe *uma boa salgueirada*.

Ai capitão!

Esfrega bem esse tratante, para que não continue a fallar d'aquelles, que o fizeram gente, da-lhe de rijo, para que elle se lembre.

Oi capitão! não posso mais.

Larga por hoje. Vae meu.....

Pede-se a certos moços *engraçados* da caza n. 7 á travessa da ladeira do Tijollo sejam mais delicados no seu brinquedo de entrudo. Dizem que aquella casa é do Sr. Cons. Lisboa.

*Uma victima.*

Capitão, quero contar-lhe uma historia.

Nada de massadas, meu charo.

—É um caso melindroso, ouça:

O cornião da Munganga que jurou á V. Ex. por S. Amelio, que não maltratava sua mulher; provou botando-a para a rua, e maltratando-a com immensas palavras injuriosas, e jurando-a.

Então o tratante é incorrigivel, ou a mulher?

Qual capitão! o tratante sim! é incorrigivel, devasso, estúpido, malfazejo, e tudo quanto de ruim pode possuir comsigo um bruto; capitão, em uma palavra é a vergonha da familia inteira!

E a familia d'elle não vê isso ou são todos assim?

Não Sr.! faz uma differença d'agua para o vinho, os irmãos são dignos de tudo, mostram que receberam educação, são morigerados, e benquistos de todos por suas maneiras urbanas, e delicadeza em seu tractar; mas o tal bruto não parece irmão; senão conhecesse a familia diria, que elle era paraguayo.

Então não se corrige?

Parece que não.

N'este caso não admitto mais graças; mande já ao Dr. chefe de policia, que mande agarrar aquelle tratante, e o remetta para o Sul a beneficio da Patria, visto, que aqui, de nenhuma utilidade serve, nem mesmo para sua mulher, que a jogou na rua, depois de chupar-lhe tudo, quanto seu pae lhe deu de dote.

Pois vá já, e do resultado, quero ter sciencia. Olhe, conte ao Dr., todo o passado, que elle, energico como é, não deixara ficar impune semelhante devasso.

(*Continúa.*)



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 18.ª

BAHIA 2 DE MARÇO DE 1865.

N.º 179.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1\$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

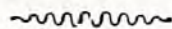
Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 1.º de março de 1865.

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia, pedindo-lhe providencias asim de que o serviço das rondas que ora se faz, recaia egualmente sobre todos os que pertencem á reserva, e não somente sobre os pobres artistas, que ja carregam com tanta cousa, pois que negam-se a elle os empregados publicos, bachareis, homens do foro etc.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá á Preguiça e faça dispersar um grupo que alli reúne um negro de nome Francisco, escravo d'um Sr. Victorino, ja que o Sr. subdelegado se não importa com isso, nem tão pouco as patrulhas que por alli vão ter. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá ao Forum acompanhado do muxingueiro e tanja pelas escadas os moleque alli encontrar de chapéu á cabeça e charuto na boca, os quaes não tem

comtudo a culpa, pois que o *exemplo vem de cima*. Cumpra.



—O *Diario do Rio* tem um correspondente liberal da Bahia que attaca a administração do Exm. Sr. Des. Barboza.

—Serio?!

Certamente é algum liberal dos que queriam recrutar pessoas isentas do recrutamento, no tempo do Cons. Sá e Albuquerque.

—Mas veja. Em quanto os conservadores ou conservam-se mudos, ou applaudem a administração do distincto bahiano, pondo de parte prevenções de partido, o tal liberal das duzias quer fazer-lhe piqueta.

—Deixal-o, o cão, ladrar á lua.

Não pode ser sinão algum liberal francez, dos taes que promettem empregos e desviam sua vista de quem recebeu a promessa, ou embarcam-se para o Rio sem dizer palavra.

—São liberaes que por viverem *aflictos* vão dar seu *passeio*.

Deixal-os. . . .

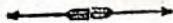




—Então, Sr. major, ter uma typographia é um meio reprovado de vida?

E quem rouba um cofre é um homem honesto que não pode viver aqui por causa do *Alabama*?

Ora não seja tollo!



—Capitão, houve um casamento, do novo gosto.

—Que houve de mais?

—Um antigo pretendente da moça, ajudado talvez por alguma oração de S. Marcos, e sem duvida abraçado e por tanto esquentado com alguma *patricia*, interdeu que devia reivindicar seus direitos, e poz-se a descompor tudo.

Insultou a noiva, o noivo, os convidados todos, seu proprio pae, sua propria mãe!

Quebrou a cabeça d'elle mesmo, quebrou as janellas, ficou quasi nú, foi preso e *abaixou o fogo no chilindró*.

—Que diabo foi esse?

—Um musico que toca rebeca ahi para a Estrada Nova.

—Eu acho que o Sr. Dr. chefe de policia deve aproveitar um tal valentão para a guerra do Sul.

—Quanto a isso, não ha duvida; deve servir á patria um tão *prestante* cidadão.



—O maior patriota de Matto Grosso é o barão de Villa-Maria.

—E o Porto-Carrero?

—Deixe para depois.

O Villa-Maria largou-se a correr das márgens do Paraguay, onde tem suas fazendas, e em **VINTE NOVE DIAS** chegou ao Rio de Janeiro!

—E' então heróe das *Carreras*.

—E teve o animo de dizer (vide o *Diario do Rio*) que o forte de Coimbra foi entregue por fraqueza; que si a

guarnição esperasse mais, chegavam munições.

—Mas como a guarnição podia resistir mais? . . . .

—Talvez fugindo como o barão do Villa Maria.

—...Si não havia munição! si as mulheres faziam das fraldas cartuchos!

E depois qual a gente que no forte poderia resistir a 10,000 paraguayos?

—E tanta asneira proferida talvez por algum covarde, vem apoiada nas columnas do *Diario do Rio*!

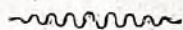
—E a ligeireza com que chegou ao Rio o barão, que nem teve tempo de ir a Cuyabá! . . . .

Para salvar a patria e aos seus, diz o *Diario*.

Este mundo hoje é dos barões!

E os barões que não são tollos! . . . .

Segue-se que este mundo hoje é dos sabidos. . . . .

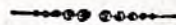


—Deu-se nestes dias o seguinte facto:

Um homem estava ás portas da morte e mandou chamar o vigario de sua freguezia para confessal-o e sacramental-o; o vigario respondeu-lhe que ia a um casamento e que deixasse para depois.

—Creio la nestas cousas!

—Pois é verdade; agora onde foi veja si S. Pedro lhe diz; ou então rezo um responsorio a *Santo Antonio* que gosta de fazer seus milagres.



—Capitão, não se pode passar pela rua dos Carvões.

—Mas porque?

—Porque ha alli um rio que quando tem enchente ataga tudo.

—Falla serio, rapaz!

Alli não pode haver rio. . . .

—Será então lagoa; o que é certo é que a rua está inundada.

—Mas como? Pouco ou nada tem chovido.

—Espere, capitão, que eu lhe explico. O Sr. coronel J. Baptista Viana fez dous sobrados á rua Direita de Santo Antonio, os quaes deitam os fundos para a rua dos Carvões; fez encostado ao muro dos quintaes um banheiro e os moradores levam a tomar banho o dia inteiro; a torneira não se fecha, a agua não cessa de cahir.

—Mas que tem isso com a rua?

—Que tem? é que o coronel mandou abrir um rego de 4 palmos de largura bem no meio da rua dos Carvões, para exgote das aguas dos banhos de suas cazas.

—E' incrível, mas é facto, nesta terra quem dinheiro tiver fará o que quizer.

—Não é assim, rapaz.

—Além de que o coronel é um homem sisudo e amante do engrandecimento de seu paiz; não é possível que esteja alormoseando uma rua com bonitas propriedades e arruinando outra com escavações.

—Pois, capitão, si duvida vá ver com seus proprios olhos.

—Pois sim; si existe e tal rego, é provisorio, até que conclua-se o outro sobrado ou se engaste algum tubo.

—Capitão, os maus exemplos pegam de pressa. O Sr. Manuel Espinola fez tambem um sobrado na rua Direita e umas cazinbas na rua dos Carvões; pois tambem não fez um rego que desagua na ribeira do coronel?!

Logo vem outro, outro e mais outro e ninguem mais pode por alli passar.

—Ja te diisso que tudo isso é provisorio, rapaz.

—E' provisorio por que, nesta terra

a lei só é para quem não tem dinheiro! não ha policia municipal, não ha fiscaes, não ha camara, não ha nada!

Ora historias!

—Capitão, uma cousa.

—Diga.

—Na noute de 28 de fevereiro appareceu na ladeira da Taboa Grande certo polidor que proferiu muita palavrada, insultou a quantos appareceram, quiz dar na patrulha e indignou a gente honesta que horrorisada o ouviu.

—E que homem é esse?

—Por S. José que não sei.

—V. bem sabe-o, Sr. Marciano, diga-o.

—Não sei, capitão.

—E não havia inspector?

—Havia; mas não quiz prender o polidor, apesar de ser ameaçado até com bofetadas, por ser elle seu amigo.

—E por alli não meram familias?

—Algumas; e com tudo o sujeito fez o que quiz, por que o inspector depois que veiu de Pissandock, ficou mui devoto de S. José e não se importa com a policia de seu quartirão.

—Muxingueiro, traze para bordo o inspector para ensinar-lhe eu a fazer o serviço.

## O forte de Coimbra.

### I.

Por invios caminhos, por matas espessas  
La marcham sombrios, calados, trahidores,  
Milhares de homens que a sede de sangue  
Somente da guerra lançou nos horrores.

Não é que uma ideia de nobre vingança  
Os passos lhes guie, os chame a combate;  
Não levam na mente intentos de gloria,  
Da honra usurpada não vão ao resgate.

Quaes tigres sedentos, de torvos olhares,  
Que espreitam a preza que os não presentiu,  
La marcham sombrios, calados, trahidores:  
Seu grito de guerra ninguem o ouviu.



## II.

La se balouça brandamente ao vento  
 Auriverde pendão que symbolisa  
 De uma nobre nação a honra, os brios.  
 Ell'o alli tremulando o sacro manto  
 Que tantos corações envolve e aquece  
 No fogo santo da querida patria.  
 Ell-o alli arvorado sobre os muros  
 Do forte de Coimbra, que modesto  
 Do rio Paraguay demora á margem.

## III.

Não vades, não sigaes, que abi se aninham  
 Vinte bravos apenas, mas são bravos!  
 Não vades porque alli talvez a morte  
 Vos espera... porem a morte é menos,  
 Que, si la fordes, a deshonra é certa!  
 Si os instinctos leuaes de feras bravas,  
 Si a sede de beber o sangue humano  
 Vos empresta o vigor, si a força avulta  
 De vosso lado—sentimentos nobres  
 Dos poucos que la stão os peitos nutrem!  
 Não vades, não sigaes que alli se aninham  
 Vinte bravos apenas, mas são bravos!...

(Continu.)

## A PEDIDO

—Felizmente passou o maldito en-  
 trudo!

Foram tres dias levados da carepa!

Molhava-se a torto e á direito, e  
 quem ousava dizer alguma cousa era  
 apupado, insultado e ameaçado.

Por estes dous seguintes factos apre-  
 cie-se o ardor dos amadores do *brin-*  
*quedo*.

Na noite de 27 molharam um mo-  
 ço, o qual foi queixar-se a policia;  
 quando voltou com a patrulha, foi re-  
 cebido debaixo de vaias por uma mal-  
 ta de capadocios. A patrulha nada po-  
 dendo fazer, retirou-se. Pois sabe o  
 que fizeram? Foram á casa do moço,  
 pintaram-lhe a porta com trampa, des-  
 pejaram-lhe ourinões na janella e  
 quizeram arrombar-lhe a casa a pe-  
 dradas, debaixo de ameaças e impro-  
 perios.

E a' frente de tudo isso figurava um  
 guard a voluntario!

—Bellissimo!

—Do 2º andar do sobrado nº 1 ao  
 Cruzeiro de S. Francisco, um Sr. que  
 disseram chamar-se João Campos e  
 que tem loja á rua dos Droguistas,  
 com uma enorme seringa dava bor-  
 rifadas indistinctamente em quem pas-  
 sava, e si alguém dizia alguma cou-  
 sa, era apupado por uma horda de  
 moleques que alli havia para isso.

Um homem, doente, que pedia cor-  
 tezmente ao Sr. Campos não lhe mo-  
 lhasse em rasão do seu estado de sau-  
 de, recebeu pelos olhos uma valente  
 seringada. Subiu á casa do Sr. Campos  
 para lhe fazer ver as consequencias que  
 podiam resultar de sua louca impru-  
 dencia, molhando uma pessoa doente e  
 em uso de remedios, e foi recebido por  
 um grande caxorro que o mesmo Sr.  
 tem e que parece soltou de proposito,  
 não se dignando apparecer elle nem  
 pessoa alguma de sua casa.

—Então o Sr. Campos costuma man-  
 dar o seu caxorro receber quem lhe vao  
 fallar?

—Talvez que faça isso só em dia de  
 entrudo.

Mas faça idéa em que confusão não  
 se viu o pobre do homem quando ao  
 sahir daquella casa achou-se cercado  
 de uma turba de capadocios que o apu-  
 param até em casa.

—Tenha paciencia.... São cousas  
 desta terra.

—E graças do Sr. Campos.

—Tim tirim tim tirim trim!

—Que quer isso dizer?

—Toque de campainha.

—Temos missa?

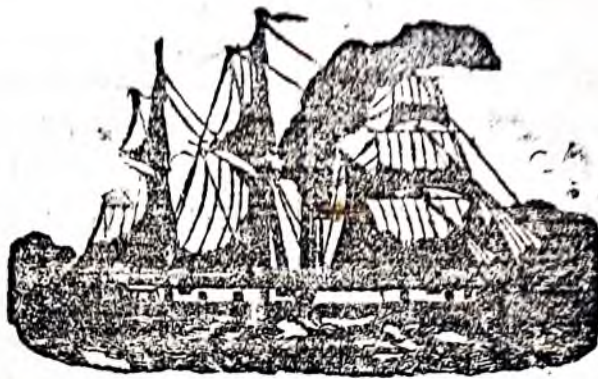
—Sem duvida.

—Aonde?

—No *Santo Forum*.

—Ah! E' por isso que lá esta tanta  
 gente á espera da benção,

Que força de devoção! Que gente re-  
 ligiosa!



# O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 18.ª

BAHIA 4 DE MARÇO DE 1865.

N.º 180.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17, a 170 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avuisa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 3 de março de 1865.

#### REQUERIMENTO DESPACHADO.

O capitão *Lobo-Sarigué* pedindo para tomar conta da adega dos Zuavos. — Indeferido em virtude do supplicante não *beber nada*.

— Abriu-se a assembléa provincial no dia 1º de março e no dia 2 já não houve sessão por falta de numero.

— Patriotismo do progresso....

— Capitão, aprecie e julgue o que lhe vou contar.

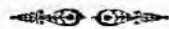
Certo sujeito que anda zangado com as vergalhadas do seu muxingueiro disse que o *Alabama* tinha ido ao cemiterio profanal-o, exhumando as cinzas de seu querido papae.

E entretanto o patife não se lembra que poucos dias depois da morte do pae, mandou elle cercar a casa de sua

madrasta, para tirar-lhe *certo cofre!*

— Que bruto! que coração de harpya! Não se lembrou elle então de que por elle morrera o pae! E tem animo de dizer em publico que o *Alabama* nem aos mortos respeita!

— Pois si elle diz que é honesto....



— Camarada, sabe francez?

— Não.

— Não diga! Estamos no principio do anno lectivo e tracte de apprendel-o.

— Mas então porque? Vae ser-nos interdita a lingua portugueza? A conquista do Mexico vem até nós? Estamos obrigados a fallar francez?

— Cale-se, cabecinha estonteada! Já não viu o exemplo?

— Que exemplo, Sr.?

— O exemplo do entrudo, peste!

Pois abi não está um pobre homem, creio que o Sr. Lemos, com a cara espatifada, com a perna toda quebrada!

— Por não saber fallar francez?

— Sim, sim; porque não soube fallar francez. Teve a infelicidade de encontrar-se com tres ou quatro fidalgos, que



sabiam d'um hotel, e como lhes não poudo responder em francez, escangalharam-no todo.

—Mas eu acho, Sr., que para evitar isso, em lugar de ser a gente obrigada a estudar francez, é preciso que a policia, que até já interveiu nos testamentos, puna os delinquentes.

—Tambem vossês querem que a policia faça tudo! Não se lembram que todo homem tem amigos!

—E' que a lei nesta terra só tem vigor para os fracos e pequenos. Aposto que si fosse um pobre da Cuba, com quem alguém da policia não nutre intimidade, ou algum Borges de Barros, aposto digo em como ninguem se lembrava mais dos decretos Paragnuás e Furtados.

—Maragulhões.

—Capitão, os voluntarios foram ao Bomfim, incommendar-se a Deus.

—Deus os ajude.

—Continúa a falta de trocos.

Diz o *Jornal* que lhe consta que até na Thesouraria tem deixado de haver pagamento por causa disso.

—E que quer? Si até certo corretor que pediu-nos um favor, não quiz pagar a assignatura, sem se lhe levar *miudos* para elle transigir! . . . .

—Quanto a mim, só peço providencias em favor da pobreza de que faço parte.

—Dizem que os deputados vão offerrecer seus rendimentos em favor da guerra do Sul.

—Si elles principiam sem trabalhar, que mal lhes vae em fazer patriotagem com o dinheiro que não ganharam?

—Ora da-se!

## © forte de Coimbra.

(Concluzão.)

IV.

Feroz bramido pela margem soa  
Do immenso rio, e a cohorte imiga  
Delirante, insana, com selvagem furia  
Subito arança para o modesto forte.  
Salve-se a patria! sai o brado iugente  
Que ao grito insano responderam bravos;  
Trava-se o prelio, mil canhões estouram,  
Mil balas voam conduzindo a morte.

Firões os bravos no seu posto de honra,  
Repellem calmos o embate horrivel;  
Si um bravo morre, morrem mil selvagens  
E a terra mordem no estertor da morte.

Meu Deus que luta! Deseguaes em forças,  
Como é que pones sobrepaçam tantos?  
Poucos, que importa? Si naquelles peitos  
Do amor da patria o fogo intenso arde?

Manada indomita de ferozes tigres  
Que, lonca, investes sobre alguns leões,  
Has de vencel-os, mas o teu triumpho  
Do justo aos olhos ha de ser vergonha.

Supremo esforço faz a imiga horda,  
Galgar procura os denodados muros.  
Embalde tentam; sob duros golpes  
Aos centos tombam n'um medouho acervo.

Da base ao cimo da muratha se ergue  
Informe massa de convulsos corpos;  
Sangrenta escada de cadaveres feitos  
Cujos degraus são outros tantos mortos!

E só por ella foi que la subiram!  
Victoria! gritam. Que mentira infame!  
Não, não venceram, pois não ha victoria  
Si mil covardes um valente vencem!

Não, não venceram, que vergonha eterna  
Ha de somente lhes lembrar tal feito!  
Decidam fortes de quem é a gloria  
Si mil covardes um valente vencem.

M. I. F. M.

## A PEDIDO

—Capitão permitta que lhe narro um facto que aqui se deu.

—Pode fallar.

—Um negociante RICO fica repentinamente infermo (de congestão pul-

monar, diz seu genro que é medico).

O negociante tem mais genros, tem filhos, tem amigos.

A molestio é grave.

Na casa ha um medico especial.

Por que não foi o medico chamado?

Por que não foram chamados seus genros, suas filhas, seus filhos?

Por que não foram avisados seus amigos?

E' o que indaga, curiosa, a opinião publica.

«—O medico foi chamado, diz o medico genro

«Mentira, responde-lhe o outro genro; chamei-o eu, como ha de afirmar o Dr. que commigo no carro foi até á casa de meu sogro.

«—Foram avisados os parentes, tanto que meu concunhado foi quem chamou o medico.

«Mentira, responde ainda o genro; tinha uma carta d'Europa, para meu sogro, fui eutregal-a ás 6 horas da tarde, quando o achei morrendo e fui chamar o medico. Entretanto meu sogro, havia 10 horas que estava sofrendo! »

E a opinião publica indigna-se.

—Dr., venha receitar.

—E' tarde, nada posso fazer!

E o pranto da familia chega aos ouvidos do publico indignado!

—O negociante é já morto; seu parente era o unico medico que alli estava!

E o genro escrevia que não tivessem susto de vender-lhe fiado, porque não haviam perder; seu sogro havia morrer!

E a opinião publica horrorisou-se, immudeceu!

Apenas em quanto passava o Dr. no seu carro, algum homem do povo o apontava, indicando o malvado que por um punhado d'ouro dera a beber ao sogro *algum remedio infallivel.*

Passou-se isto em Latronopolis, 1864 annos antes do Nascimento de Christo.

Estou certo de que si fosse agora, com o incansavel delegado que temos

—Nada de conclusões, nem moralidade. Quem quizer que as faça ou a tiro.

**Noticias diversas.**

OFFERECIMENTOS.—A' semana passada foram feitos os seguintes:

O Zoinho offereceu-se para fornecer carne verde por tres dias, aos Zuavos visto ter uma vacca muito gorda á disposição.

—Os padres desta cidade offereceram-se para fazerem gratis os interramentos em quanto durar a guerra do Sul.

E' bom aproveitar a quadra quem for pobre ou usurario.

**Quadros.**

I.

(O VELHO A UM AMIGO.)

—Ora vejã o diabo! E eu que não queria *carecas* em caza e tenho agora uma raça inteira: meu genro e toda sua geração!

II.

(O PAE Á FILHA )

Menina, dize a teu marido que compre uma cabelleira postiça.

III.

(A MULHER AO MARIDO.)

—Dr. V. mette-me medo! a cabeça



tão lisa! quando passo a mão julgo que estou a dormir com um defunto; sua cabeça me parece uma caveira. . . . . Jesus! tão feio!

IV.

(O MARIDO A' MULHER )

—Pois irei comprar um lindo chinó; e ha de ser de cabello chinez. Fino, bem fino; preto, bem preto; lustroso como as *onças* que teu pae traz engaioladas na burra.

Então, não me assenta bem o chinó? Quem me vir agora não ha de dizer que eu sou um mulato careca. Aposto em como geralmente, me terão por um branco moreno....

V.

(O DR. COM OS DOENTES )

—Quem é o Sr.? não o conhecemos.

—Pois não conhecem o seu medico, o Dr. *Seró*?

—Como V. S. era careca, e apparece agora de cabellos, desconfiámos.

—E' que agora ando de cabelleira por gosto de minha mulher....

VI.

(O MARIDO E A MULHER.)

—Iaya, has de usar tambem de chinó! Não é possivel que se diga que um *branco moreno* é cazado com uma *mulatinha* de mau cabello.

A *ciganinha* está doente, dei-a por douda, cortei-lhe os cabellos, e has de ter tambem um chinó.

Não o queres, yaya?

—Si o Dr. quer.....

EPILOGO.

O marido e a mulher andam hoje com a cabeça enfeitada; trazem ambos cabelleiras postiças.

Breve o marido, em vez de curar no hospital, tem de la enfiar a camisa de

força, e então não lhe terão o trabalho de raspar a cabeça.

Pergunta sem malicia.

Deseja-se saber de quem estiver habilitado a responder, o seguinte:

Pode o inventariante d'um casal receber dinheiros e delles dispor?

No caso de ter elle obrigação de pôl-os n'um deposito, o Sr. Amorim Falcão pode receber (si é que os recebe) os alugueis de uma caza no valor de 720\$ rs. annuaes desde 1858, tempo em que exerce elle o logar d'inventariante do casal de Maria da Luz?

Pode elle levantar dinheiros recolhidos e empregal-os seja em que for, sem ouvir aos interessados, e sem prestar fiança?

Quem pergunta quer saber; espera-se a resposta.

E. R. M.

Quanta gente defronte da porta desta loja!

Tanto official de justiça, tanto procurador, a raça inteira do forum!

Não se pode alli comprar cera; a porta impedida, não se entra nem sae.

Coitado do pobre moço! Foi ficar visinho ao forum; bem feito lhe seja!

*Um que tem pena.*

ANNUNCIO.

Acha-se nos prelos—O **canto do proscripto**—poesia do academico I. R. Penha, posta em musica para piano e canto pelo insigne artista José Bruno Correia. Assigna-se nesta typographia a 1\$000 rs. o exemplar.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE. 18.ª

BAHIA 7 DE MARÇO DE 1865.

N.º 181.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1\$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 6 de março de 1865.

Hoje não houve expediente.

—Que chaveco é aquelle que atravessa alli pela Barra?

—E' o cutter *Dr. Seró*; tem o nome do mestre e dono; é navio de contrabando.

—Chame á falla aquelle diabo.

—Para onde segue?

—Para onde não é da sua conta.

—Bom. Donde vem?

—Donde sahi.

—Optimo. A que nação pertence?

—A' dos curiosos.

—Bonito! Que carga leva?

—Indagações da vida alheia, intromettimentos, abelhudez etc. etc.

—Camaradas, ala para uma abordagem!

.....  
—Então, responde ou não responde?

—Ja, Sr. capitão: sigo para a ilha da Traficancia; venho de Tratantopolis; sou natural de Latronopolis; faço parte da sociedade do Olho-vivo; trago por carga uma porção de negros, a quem maltractei e quiz seduzir.

—Só?

—Um cavallo lazão que dei de presente.

—Só?

—Uma porção de certidões, tiradas a geito.

—Só?

—Uma lettra de algumas dezenas de contos que ponho em duvida.

—Só?

—Dous lindos chinós de cabello de branco.

—Nada mais?

—Uma beberagem para colico; um remedio infallivel para congestão; a receita de um banho semelhante ao rio Acheronte.

—E que historia é essa de negros?

—Ai, capitão! os negros eram do casal de meu sogro que até hoje não tem cabeça. Estavam em meu poder, mas não me davam dinheiro; iam-no entregar a outro herdeiro.

Restavam dous que intenderam dever fazer o mesmo, cousa com que não concordei.

Ameacci-os, mas elles não deram cavaco. Denunciei-os á policia como tentando contra minha vida e a segurança publica; accusei-os de insurreição. Foram presos seis.

Os *diabos* obtiveram para elles sol-



tura e então roceiei; intriga com negro bruto é o diabo.

Fui por tanto á cadeia e soltei-os antes que seus protectores tivessom tempo para tal; fiz crer aos negros que seu protector era eu e dei-lhes 10\$ rs. para comida pedindo-lhes que dissessem que eu a tinha fornecido.

Um delles, de mais timo ainda do que *Salomão*, achou pouco e chupou-me mais 10\$ rs.

—Mas pensa V. que os pretos tomaram esse dinheiro? Andaram a mostrar-o de porta em porta.

—Sim, Sr.; chegaram a levar-m'o outra vez, mas eu não o quiz acceitar.

—Alguem então deu-lhes ordem para que o gastassem.

—Veja que papel ridiculo representou V.!

E que cavallo é este?

—E' um bichinho do engenho.

—Mas V. não o tinha dado de presente?

—Dei-o sim, Sr.; mas o homem emmagreceu o bicho com os emprestimos que fez e eu tomei-o para engordar.

—E por que o não restituiu?

—Porque estou mal com elle.

—Então tomou o que já não era seu? E vendeu-o ao inglez!

Que ridiculo desfaçado!

E estas certidões?

—Tirei-as para macular o nome honrado d'um negociante de quem sou desafecto.

—Que infame!

E esta letra?

—E' a minha perdição; quiz tudo, e estou quasi quasi a levar o diabo.

—Nada de susto; os meus empregados ahí estão para o defenderem,

—E estas cabelleiras de defunto?

—De defunto não, Sr.; ao menos uma é d'uma cigana a quem eu devia um continho.

Trago-as para meu uso e de minha mulher; o meu cabelo tinha desaparecido e o d'ella era feio. . . . .

—Não parece um homem que tem juizo. . . . .

E esta mobilia como a tem?

Quando eu me cazei não tencionava saber mais da caza do meu sogro.

—Não era mau o negocio; tinha a papança forra, escravos, cahidos etc.

Mas caza-se outro diabo e muda-se logo.

Meu sogro começou a scismar; mandou de proposito apromptar uma caza para mim.

Mas eu. . . . .

—Estava agarrado como a ostra ao rochedo.

—...nenhuma vontade tinha de dalli sair.

O velho porém, n'um dia em que estava a caza cheia de visitas, levou-nos todos a ver a nova caza e gritando que não queria mais ninguem em sua caza, poz me aos pés a cara. . .

—Foi sem duvida a primeira vez que V. teve vergonha.

—Tractei pois de mobiliar a caza e mudei-me. Esta mobilia é a de caza.

—Rica! que lindos lavatorios! que excellentes aparadores! que ostentosas cadeiras! que asiatico sophá! que ricos tapetes! que fino marmore!

—Isso disse minha sogra, ridicularizando o meu concunhado que comprou uma mobilia mediocre.

—Mas aposto em como elle pagou.

Entretanto V., meu caloteiro d'um dardo, foi Gavazza, ao pediu adiamento do pagamento por dias, demorou-se, passou uma letra por um mez, não a pagou!

—Paguei, sim, Sr.

—Pagou, depois que seu sogro, aos chóros de sua filha, deu o dinheiro d'uma escrava que vendera.

Pagou depois de soffrer um sequestro de cujas consequencias o livrou certa generosa pessoa que o fez gente o a quem V. paga tão mal.

Além de patife ingrato!

—E estas bebidas?

—Tem o merito de abreviar a passagem para o outro mundo.

Appliquei-as a quem estava tardando em me dar dinheiro.

—Olá, camaradas, atirem esse ruim fardo ao porão do nosso navio e incendiem este alcaide de chaveco.

—Estou cheio de prazer, capitão, com a abertura da assembléa.

—Pretende algum logar, ou espera algum privilegio?

—Nada d'isso.

—Quer-se passar para a opposição?

—Capitão, não me comprometta.

—V. é um homem que custa a comprehender-se! Diga o que quer, meu tatamba.

—Quero que a dignissima lance suas vistas patrioticas e compassivas para a carreira da Cachoeira fazendo com que a companhia Bahiana retire d'ella o insupportavel vapor 2 de Julho!!

—Vá esperando.

—E porque não? O Sr. deputado Cesar está ahí para fazer-lhe a poda; não fazem quatro dias que elle experimentou a *bondade* d'aquella cousa ruim.

—Deos o permitta!

—Hontem 6, abriu-se a sessão d'assembléa provincial, foram eleitas duas commissões, depois do que foi ella encerrada por *falta de numero*.

—Ha cinco dias que está aberta a assembléa e TRES ja la vão em que não ha sessão. . . . .

Oh! tempora, oh! mores!

— $336\text{\$} \times 3 = 1:008\text{\$}000$  rs.

—Quer V. dizer que n'estes tres dias gastou a provincia um conto e oito mil reis com os deputados!

Mas veja que não estão presentes todos.

—Ora vivorum! a differença não é de palmo.

—V. sabe? a tropa vae usar de botinas.

—Quem lhe contou isto?

—Cada par de calçado a 3\\$\\$700.

—E onde ha botinas por tal preço?

—Em quasi toda a parte; ao menos o Seraphim, no Terreiro, vende-as a 3\\$\\$500.

—Pois as botinas reduzem-se a muito bom par de sapatos do Caboto, quando muito com ferraduras.

—Não é possivel; o arrematante é

ligueiro e honrado, o Sr. José Caetano Gomes, e não pode por tanto querer *soltar o totó* no governo.

—O que é certo é que eu li na gazeta.

—Leu o preço de 3\\$\\$700, mas não leu a qualidade do calçado. Si não for botinas, ha de ser botins. . . .

—Seja; ficando bem claro que um bom par de sapatos francezes custa 4\\$\\$000 rs.

—Sahiu a Droga.

—Ja vi; mas como *tudo isso são droga ou dão em droga*, passaremos.

—Entra até na politica; analisa os escriptos do academico Pedreira França!

—Olé!

—A assembléa provincial vae em progresso. No dia 1 houve sessão, no dia 2 houve sueto, no dia 3 houve sessão, no dia 4 houve sueto, o dia 5 foi domingo, no dia 6 levantou-se por falta de numero.

—Que quer que lhes faça? São os paes da patria, os salvadores da nação.. provavelmente estão cuidando nos negocios da guerra.

Um dia à paz, outro dia à guerra.

—Consta que *Don-don Aguirre* achase em casa do consul francez.

—Pilheria; invenção dos capotes. O que dizem é que o Sampaio Vianna, guarda-mor d'alfandega, prendeu-o e mettu-o na fortaleza do Morro.

—Serio?! Que valentão é o Sampaio Vianna!

Eu fazia-o ja barão de Paysandú, si fosse o governo.

—Não corra que cansa; ainda não vieram communicções officiaes, nada se pode garantir por tanto.

—Ora nonoroques!



## A PEDIDO

Consta nos, que os Academicos vão offerecer-se para marchar para o Sul, em defesa dos brios nacionaes,— com a condição de serem commandados por seu distincto Director.

Por Saint Joannes da Maticena que mora lá para a rua do Laço.

Pelas Irmãs de Caridade, olhe para sua familia, deixe de ser bobo affrontando com dinheiro as pessoas que estão pacificamente em sua habitação; do contrario será emendado de seus erros.

Corrija-se. Si continuar voltarei. Até logo, ouviu?

Capitão, vou contar-lhe uma historia de Simão sem ser de garapa sem beco. Esse bello sujeito deu, ha tempos, um cavallo a tracto, na Estrada Nova a um pobre velho, e já lhe devia 26\$ rs; um dia porem mandou elle buscar o cavallo, e alta noite mandou leva-lo, e estando o velho agasalhado, e não encontrando o portador ninguem, não se quiz dar ao trabalho de chamar e deixou o cavallo solto da parte de fóra com o sellim; no dia seguinte estava o cavallo junto de caza comendo; mas sem o sellim que apesar de ser tão maduro como o tal Simão, tendo cada aba de sua qualidade desapareceu, e o tal Simão quer os 26\$ rs. por elle, e mais si mais estivesse devendo.

Assim pagou elle a estada de seu animal, com um sellim de diferentes qualidades, de maneira que si a estada orçasse em 50\$000 ou 60\$00 rs. estava paga com o velho sellim.

Não lhe agrada a historia capitão?

Acho boa, pois é de esperto. Muxingueiro, vae ao tratante, e dize-lhe, que com um sellim sem era, não se paga a estada de cavallos, que vá pagar os 26\$000 rs. ao velho; do contrario esfrega-lhe a cara na cloaca para ver si toma vergonha, e paga o que deve; vae já!

Pinto Ruivo, porque V. não toma vergonha, grandissimo bebado?

V. não se lembra daquella firma falsa que V. fez em nome de outro para receber 7 barricas de assucar, que o dono foi tomar em uma caza na rua de Baixo onde estava depositada? Ein desgraçado? Por verem a sua miseria não foi que não deram comtigo na cadeia, grandissimo réo de policia? para que V. anda pelas casas das mulheres a fazer algazarras malandrim? pois si não tem officio assente praça que é muito melhor do que V. andar dormindo nos bancos do Theatro e de baixo dos arcos da Praça.

Mas é porque a policia desta terra não presta grande attenção a certas cousas; si prestasse, meu Pinto Ruivo, já V. estava no Rio da Prata, grandissimo bebado; mas deixe estar, meu mariola, que V. não escapa.

Sr. Redactor.— Queira ter a bondade de declarar si eu fui quem mandou publicar no *Alabama* de 1.º de março, um artigo em que fallava, que indo um inspector de quarteirão avisar um doutor para rondar, elle a noite se escondera, na occasião de ir buscá-lo, mandando diser que não estava em casa.

*Arnaldo Gentil Ibirapitanga*— Inspector do 25º quarteirão do C da Sé.

Não, Sr.; a publicação chegou a nosso poder por intermedio da policia secreta.

A Redacção.

## ANNUNCIO.

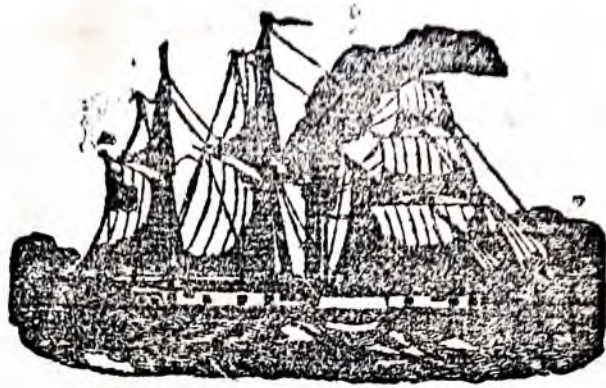
### Publicação Patriótica.

CANTO DE GUERRA DO VOLUNTARIO BARIANO  
DEDICADO AOS VOLUNTARIOS DA PATRIA.

Sublime poesia, ornada de excellente musica para canto com acompanhamento de piano, tendo no frontispicio o lindo emblema do Voluntario em frente de Paysandú.

Vende-se na livraria da Viuva Lemos.





# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHIISTOSO.

SERIE 18.ª

BAHIA 9 DE MARÇO DE 1865.

N.º 182.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17, a 100 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### Aos Srs assignantes.

Finda-se hoje a 18ª serie deste periodico.

Pedimos aos que não pagam que nos não obriguem a publicar-lhes os nomes.

Até hoje nunca nos excedemos, nas poucas vezes que lhes temos lembrado seu dever.

Não nos forcem por tanto a fazer-lhes o que merecem.

E os engraçados que nos mandam piquetas que tomem tambem nestas linhas seu quinhão.

### Ao governo.

Ha dias escreveram-nos o seguinte:

«Em breve terão desaparecido da circulação todas ou a maior parte das notas de 3\$, 2\$ e 1\$, em vista do premio de 2 por % que offe.ecem sobre o dinheiro do thezouro.

«Os males que pode causar a falta de troco, que ha de seguir-se, ao Comercio e em geral a todas as classes da

população, com especialidade as menos abastadas, são incalculaveis.

«Seria muito para louvar que acertadas providencias viessem atalhar o mal em quanto é tempo.»

No dia seguinte dizia a *imprensa graúda* que o governo officiara ao inspector da thesouraria para providenciar.

Dias depois S. Ex. officiava tambem ao agente da companhia Bahiana.

Entretanto os miúdos desaparecem, e a especulação continúa; os trocos somem-se e a pobreza soffre.

Trocar hoje uma cedula de 10\$ rs. é cousa mais difficil do que descontar dinheiro.

Pedimos por tanto providencias neste sentido.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 8 de março de 1865.

Officio á camara municipal para que mande tapar um buraco que ha na ladeira do Tijollo, que ameaça tornar-se n'uma lagoa pela quantidade d'agua



que ja contém em si, o que pode pelo menos, devorar a perna de algum cego.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe providencias assim de que se torne effectiva uma medida que ha sobre meninos vadios pelas ruas, cujo numero se tem tornado crescido ultimamente.

—Homem, esta Latronopolis tem bons pedaços!

—Que houve?

—Apontamentos para a historia; certo subdelegado que virou Kaêmo, á imitação de certo commandante que aqui temos.

—E então um subdelegado não pode ser professor?

—Que duvida! Mas o de que se trata não é de ensinar a leitura, é do castigo da serula applicado áquelles que elle julga criminosos. O caso é este:

Fei preso um sujeito por ter desflo-rado uma sujeita de maior idade; dez testemunhas e informantes que juraram a favor do delinquente e o mesmo delinquente foram todos presos, agarrados e conduzidos á presença do subdelegado que pegando da palmatoria metteu-os em bollos, mostrando que tinha mais geito para muxingueiro do que para authoridade policial.

—E onde foi isso?

—Si me não engano, no *Mar Pequeno, entrada do Gil*.

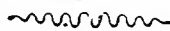
—Valha-me N. S. da *Pirajuhia!* Como se chama o subdelegado?

—Por S. José que não sei.

—Morará elle no 4.º districto?

—O Nunes não me disse quando me contou o facto.

—Pergunte alli ao Antonio a ver si o diz. E mande ja e ja trazer pelas orelhas aquelle patife para bordo, assim de experimentar si a graça é boa.



—Certo sujeito que tem dinheiro offereceu-se a outro que tem levado algumas piquetas, para dellas o livrar o achou-se em branco.

—E anda a incommodar-nos; a falar em dinheiro que tem cunho e *costa*, como si nós pertencessemos á religião do Deus Dinheiro.

—Eu peço-lhe pois que não torne com sua insistencia.

E a Deus.



—Ora estes boleeiros são sempre o diabo!

Querem por força que os burros andem mais do que voam passaros.

—Que diabo é isto?

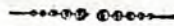
—Os boleeiros do Pará-assú (dizem) voltavam d'um interro e queriam tomar a dianteira a um carro que *não era da caza*; tangeram os burros, e o carro, ao passar por junto do outro, metteu uma de suas rodas nas do concorrente e ficou enganchado. Brincadeira foi esta que o carro acommettido cabiu de lado e fez uma ponte por sobre o rio das Tripas!

Os convidados cahiram ao rio, tomaram seu banho, e sahiram mais sujos; estavam cobertos de lama, e feridos!

E isto por uma graça de boleeiro!

—E que hei de fazer agora?

—Eu sei! . . . Estou contando a historia, capitão.



—Quantos doentes ha n'esta casa?

—38.

—Quantos barris com agua gastam-se para banhos?

—12.

—Que abundancia!

—E' porque no mez de *fevereiro* a agua é muito vasqueira.



—Capitão, não leu na *Catana* um artigo sobre recrutas algomados?

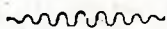
—Li.

—Pois fique sabendo que a ignorancia do subdelegado obrigou os homens a vir assim. Offereceram-se como voluntarios e pedindo ao subdelegado uma guia, tiveram elles, livres e heroes, algemas para os pulsos! . . .

—Deus!

Cale se por quem é; tanta miseria deve ficar eternamente n'um silencio rigoroso.

—E eu acho que o tal subdelegado devera soffrer o processo summario de Labatut: um tiro na cabeça para tomar juiso.



—Linguinha, essa lingua é a causa de tua perdição; por ella já não tens dentes; além da baba venenosa que os estraga, os sopapos que levas tem-te posto neste deploravel estado. Por que não tomas juiso? porque não és mais prudente? porque não fallas menos?

Que vicio!

Toma o meu conselho, rapaz e verás que te has de dar melhor.

—Agua e conselhos só se dá a quem pede; guarde por tanto os seus que delles não preciso.

—Ora que patife!

Linguinha, não me conheces? Não sabes que eu sei da tua escandalosa vida, das tuas devassidões e ladroeiras?

Linguinha safado, para que te andas a occupar da vida de dous *teus senhores*?

Não vês que duas pessoas illustradas não se hão de pôr em comparação e contacto contigo, rustico rocciro, artista surrão?

Para que has de fallar até de quem já morreu?

Si elle ganhava cantando, era com

seu trabalho; não era com o suor alheio como tu que vives a roubar os outros, a depennar o casal, para metteres na pança de tua reverenda e impudica tia a quem nem respeitaste! . . . .

Linguinha, toma sentido! olha que te ponho os podres na rua.

—Desaforo! o Sr. entrando na minha vida privada!

Quero satisfação de seu proceder inconveniente.

—Pois não!

O' muxingueiro!

Da-uma satisfação em termos, no rigor da diplomacia, ao Sr. Chico Linguinha d'Amor-rir Facão da Matança Junior.

**Ao batalhão de policia da Bahia no dia de seu desembarque no Estado Oriental do Uruguay, na qualidade de voluntarios da patria.**

SAUDAÇÃO.

Daes lugar, nações absortas...

Damos o nosso logar!!

(M. L. JUNIOR.)

Salve! salve brasileiros!!!  
Salve distinctos herdeiros  
Daquelles bravos guerreiros  
Dos campos de Pirajá!!  
Que os heróes de—Dous de Julho  
Possam encher-se de orgulho  
Vos contemplando de lá!!

Os restos inanimados  
Desses valentes soldados  
Que lutaram commandados  
Pela voz de Labatut  
Se erguêram das sepulturas,  
Para escutar as bravuras  
Dos heróes de Paysandú.

Sim! erguêram-se attrahidos  
Pelos sons dos estampidos  
Que foram repercutidos  
Do Rio Grande ao Pará;  
E este elogio escutou-se:  
Como outr'ora aqui lutou-se  
Luta-se agora acolá!!



Eram os nossos soldados  
 Combatendo denodados  
 D'encontro aos ontrincheirados  
*Sicarios* de Paysandú!!  
 Os nossos... cujas bravuras  
 Ergueram das sepulturas  
 Os heróes de Labatut!!

E vós—seus filhos, seus netos,—  
 Vós ficastes inquietos, !!...  
 Vossos mais caros affectos  
 Guardastes no coração,  
 Para escutar esta senha  
 —Quem for brasileiro venha  
 Desaggravar a nação!!—

E voluntarios, valentes  
 Bradastes impacientes  
 Nós somos os descendentes  
 Dos heroes de Pirajá!!!  
 Patria!! Tocaste à rebato?!!  
 Onde é o campo de combate?!!  
 Queremos marchar p'ra lá!!

.....  
 .....

E... eis-vos aqui nesta terra  
 Quereis os louros da guerra?!!  
 Olhae!!... Acolá se incerra  
 Nosso primeiro trophéu!!...  
 Pegae na vossa bandeira,  
 E plantae-a na trincheira,  
 Que cerca Montevideú!!!

Estaes entre brazileiros,  
 E tendes por companheiros  
 Os mais valentes guerreiros.  
 Nas lutas de Paysandú!  
 Eia! Mostrae denodados  
 Que sois filhos dos soldados  
 Que commandou Labatut!

.....  
 .....

Na luta que vae travar-se  
 Por força ha de renovar-se  
 O desejo de mostrar-se  
 Cada qual com mais valor!  
 Não esqueçaes um momento,  
 Que destes um juramento  
 Diante do imperador!...

Heroicos depositarios  
 Do melhor dos sanctuarios  
 Batalhão de voluntarios!!

A patria esperando está  
 Que os heróes de Dous de Julho  
 Possam encher-se de orgulho  
 Vos contemplando de lá!!

*Dr. Symphronio Olimpio A. Coelho.*  
 Bucéu, 16 do fevereiro de 1865.

## A PEDIDO

### Enigma.

Um individuo, que ainda ha bem poucos annos era caixeiro nesta cidade, *andando com os cotovellos rotos* e depois apresentou-se capitalista e director de estabelecimentos monetarios sem ter tido grossa herança, nem tirar sortes grandes na loteria, o que será?

E ainda mais, cheio de embofia, cabala para tudo, e tudo quer ser, tanto no commercial como na politica, gasta dinheiro a rôdo; dá bailes esplendidos, tem carros e carrinhos... onde irá isto parar?... Olho no melro!...

Domingo elle apparecerá para galgar a directoria... no banquinho em que procura com affan sentar-se... para certo arranjo...

*O Hermann.*

## ANNUNCOS.

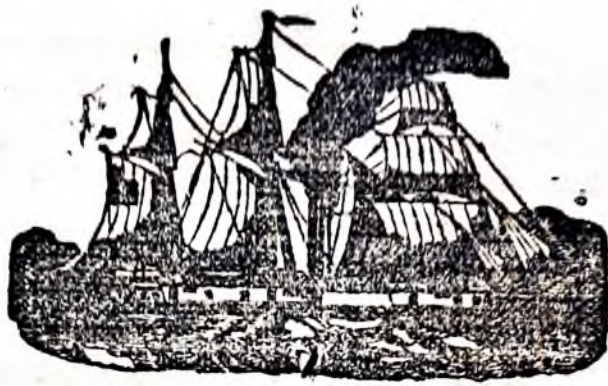
Na lojinha á rua Direita da Misericordia n. 10 vende-se cêra em porção e a retalho, papel para requerimento, rapé tambem a retalho e diversas miudezas, etc. etc.

### Publicação Patriotca.

CANTO DE GUERRA DO VOLUNTARIO BAHIANO  
 DEDICADO AOS VOLUNTARIOS DA PATRIA.

Sublime poesia, ornada de excellente musica para canto com acompanhamento de piano, tendo no frontispicio o lindo emblema do Voluntario em frente de Paysandú.

Vende-se na livraria da Viuva Lemos.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 19.<sup>a</sup>

BAHIA 11 DE MARÇO DE 1865.

N.º 185.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1\$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### Noticias.

Ja sabem todos que Montevideo foi occupada por nossas forças em 20 de fevereiro.

Consta tambem que os paraguayos foram repellidos de Cuyabá, soffrendo grande perda.

Por tão faustosos motivos o povo ante-hontem, ao meio dia, precedido de uma banda de musica e de voluntarios da Patria, com duas bandeiras nacionais, percorreu as ruas da cidade, depois de ter ido ao Barbalho buscar a companhia de Zuavos.

O povo sahio da Praça, depois dos vivas que das janellas de palacio deu S. Ex. o Sr. Des. presidente da provincia, e ao voltar do Barbalho seguiu pela rua dos Adobes, Conceição do Boqueirão, rua do Paço, Taboão, toda a cidade baixa, e subindo pela ladeira da Gameleira atravessou o largo do Theatro, rua Direita de Palacio, chegando á Praça, onde o Sr. Muniz Barretto Filho recitou uma ex-

cellente poesia, florão immurchecivel que ha de ornar a laurea coroa do joven e esperançoso poeta bahiano.

Fechou-se algumas repartições publicas e cazas de negociantes.

A' noite houve as mesmas demonstrações; o distincto corpo academico, precedido de musica e acompanhado de milhares de pessoas, percorreu as ruas da cidade, cujas cazas estavam illuminadas e embandeiradas algumas.

O entusiasmo foi emfim indescriptivel.

Tão suspirada victoria, tão anhelado triumpho marcou no dia 9 de março um dia de orgulho para a Bahia, assim como o dia 20 de fevereiro uma pagina brilhante para a historia do Brasil.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 10 de março de 1865.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que mande tapar um buraco que ha no cano real á rua de Baixo de S. Bento. buraco este que impede ou difficulta o transitto publico.



—A' mesma, podendo-lhe pela 2.<sup>a</sup> vez que mando tapar outro buraco, na rua dos Coqueiros d'Agua do Meninos, e qual existe alli ha mais de dez mezes e ameaça impedir inteiramente o transito publico com o proximo inverno e com as repetidas investidas do mar.

—A' mesma, no mesmo sentido sobre um outro que existe na Calçada do Bomfim em frente ás cazas de Lima & Irmão, que não tendo com que fazerem dalli retirar tão perigoso sorvedouro, o mandaram tapar com a cobertura de um bahú.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá ao Manguinho e faça dalli mudar-se uma tal Pomba Suja, mulher immoratissima em cuja visinhança é impossivel que habitem familias. Cumpra.

#### REQUERIMENTO DESPACHADO.

O Dr. *Chinó*, tendo pedido demissão de um cargo militar depois de ter offerecido seus vencimentos para a guerra do sul, requer um logar no regimento do olho-vivo.—Deferido, com a condição de applicar aos larapios o mesmo remedio *infallivel* que applicou a seu sogro.

—A assemblea está muito patriótica; hontem, dia do entusiasmo não houve casa, hoje 10 não ha, é provavel que amanha também o não haja.

—Que duvida! que duvida! São tres dias feriados.... festa nacional....

—Sabbado 11 do corrente, a corporação dos caixeiros nacionaes reune-se, à noite, na Baixa dos Sapateiros, para percorrer as ruas em signal de rego-sijo pelo feliz successo que obteve o Brasil no Estado Oriental do Uruguay,

cuja capital foi occupada pelo exercito alliado.

—A rapazeada que se prepare.

—Mellor Southal & Comp. compram dinheiro do governo com o premio de 2 % (vide *Interesse Publico* de 8 do corrente).

E' preciso por tanto que o activo, intelligente, honesto e energico actual Sr. Des. presidente da provincia dê quanto antes as providencias.

—Ora vejam que gallego insolente! Pois aquelle *Pau de Sebo* não reprova as manifestações patrioticas do Brazil!

Muxingueiro, vae alli ao Taboão, pucha as orelhas daquelle ladrão, pergunta-lhe como enriqueceu, dá-lhe depois mil fortes calabrotadas e deixa-o no porão de machos aos pés e tronco ao pescoço!

—Boa presa, capitão!

—Uma cousa, capitão.

—Si vale a pena, diga.

—Porque não! um rasgo de patriotismo, uma acção louvavel...

—De quem?

—Dos deputados provinciaes.

—E o que fizeram os dignissimos?

—Sabiram das encolhas do indifferentismo, e entusiasmados com a tomada de Montevideu offereceram os seus subsidios durante todo o tempo das sessões em favor das despezas da guerra; agora sim. os nossos representantes merecem o epitheto de patriotas; agora sim acredito no patriotismo d'elles; não marcham para a guerra, mas dão com que se compre os *me-lões*.

—Meu amigo, V. está enganado, aquella gente não dá de si, mas

enfim um bom dia mette-so em caza.

—Capitão, V. Ex. é incredulo de mais; si o pobre empregado publico offerece 5 % do seus ordenados, porque um deputado não ha de offerecer os seus subsidios? . . . .

—E quem contou-lhe tal cousa é author seguido, ou não?

—Ora si: caldo da mesma panella.

—Então esperemos.

—Sim Sr., no esperar é que está a sciencia da vida.

—Si isto é verdade, em nome do povo que os elegeu recebam os dignissimos os nossos sinceros elogios e agradecimentos.

---

—Ora deixe-me. capitão! O vapor *2 de Julho* é antithese do nome que tem.

—Por quem é não me falle mais em vapores.

—Tenha paciencia, me ouça ainda uma vez.

—Diga.

—O dia *2 de Julho* marcou uma nova época de regeneração para a Babia e quiçá para o Brazil inteiro: no entanto o vapor *2 de Julho* marca uma era de regresso nos annos das companhias de vapores. . . .

—Não lhe acho rasão.

—Certamente porque V. Ex. nunca foi á Cachoeira n'aquella *preguiça*.

—Quantas horas gasta esse vapor na viagem?

—Nos tempos normaes 6 e meia e 7 horas, e em outras occasiões 8, 9 e 10, havendo enchente.

—V. é rigorista de mais, não se lembra do desconto da correntesa etc.

—Ora pelo amor de Deus, não me falle V. Ex. em desconto de correntesa; por causa d'elle o vapor *Béarn* tre-

pou-se com casco e tudo nos baixios dos Castelhanos e toda a tripulação e os passageiros seriam victimas si não encontrassem o mar manso como leite.

—E como assim naufragou o *Béarn*?

—Desconto de correntesa, capitão, e nada mais.

—E o governo não tem um contrato com a companhia Bahiana?

—Si não me engano, até com a clausula de ter vapores nas diversas carreiras que realizem as viagens em 3 horas!.

—Então cale-se, homem dos diabos, o excedente de tempo que se gaste na viagem é desconto de correntesa.

—Em correntesa se veja o vapor *2 de Julho* e a companhia Bahiana, tenho concluido.

—Muito bem! fallou como um deputado de côrte..

---

—Na Feira da Conceição recrutou-se um guarda nacional remisso.

—E que tem lá isso?

—O guarda merecia ser recrutado, mas o commandante não devia remetel-o algemado, com os braços para traz, como um escravo fugido para a Cachoeira; foi um ultrage á farda.

—Isso la petarolas: maior ultraje soffremos por causa do Mancebo, mas elle só teve um anno de prisão.

---

### Soneto.

Prinzeza da montanha, tu que outr'ora  
Foste a primeira que se ergueu do norte  
Para affrontar no sul sem medo a morte,  
Do triumpho tambem partilha agora!

O auriverde pendão alegre arvora:  
Cahi por terra a barbara cohorte!  
E' justo de prazer tanto transporte;  
Que surgiu para ti risonha aurora.



Montevideo rondonou-se; a tyrannia  
De selvagens cruceis jaz inanida,  
Não poudo resistir nem mais um dia.  
Quo presagio feliz, patria querida,  
Para nova victoria! Sim, Bahia,  
Tambem ha d'Assumpção gemer vencida.

J. A. da Cunha.

## A PEDIDO

Previne-se ao meço dos bigodes, formado nas reprovações d'academia de medicina e official dos pezos e escripturações das casas das mitras de Latronopolis, que quando não estiver presente o seu patrão, dê-se a tratar bem as pessoas que na repartição apparecem para cuidar em negocios ecclesiasticos, e que se deixe de gritar e impor como mandão, porque deve lembrar-se que não está guiando gado da villa de S. Francisco com ferrão de Barros da terra dos Borges.

—Sr. *Herculano*, então ainda é cedo?

Veja que eu vou ja dizer ao *Dantas* que V. não quer pagar o que deve.

### Aos defensores da Patria. (\*)

E' hoje o dia magestoso,  
Dia de alto fulgor ao ceos tão claro,  
A leda primavera os campos orna;  
Os zefiros suaves balanceam.

E' filiz o dia pompozo  
Que o nome de um heroe a fama sôa  
Pedro segundo do Brazil primeiro  
Que os brasileiros a sua voz entoa.

«Não deixeis qu' o torrão nosso invadam  
Esses lobos do sul! combatei!  
Vossos paes do sepulchro vos bradam  
Brazileiros as armas correi!

«D'esses monstros com o sangue vertido  
Os seus lares bem rubros fazei!

(\*) O author é já conhecido desde—Os *liqueiros venturoso*.

Recordai-vos de Rozas vencido!  
Brazileiros as armas correi!»

Por—*Gomes Borges*.

## Pergunta sem malicia.

Deseja-se saber:

1.º Si o Sr. Francisco d'Amorim Falcão pretende vender uma caza nobre, á rua da Bomba, pertencente a diversos herdeiros.

2.º Si sendo elle herdeiro somente por parte do padre Alexandre da Silva Menezes, pode considerar como sua a dita caza excluindo os outros herdeiros, quando ja recebeu seu quinhão em alugueis da mesma caza no valor do 7:000\$ e nos renditos da Matança, avaliados, em 1832, na quantia de 300\$ rs. annuaes.

3.º Si pretende arrendar parte da citada fazenda (Matança).

4.º Si, na qualidade d'inventariante, pode o mesmo tudo isso fazer, sem licença do juiz e audiencia dos interessados.

5.º Si pode o mesmo affrontar assim as leis, desrespeitar os juizes e danificar os herdeiros.

O *Linguinha*.

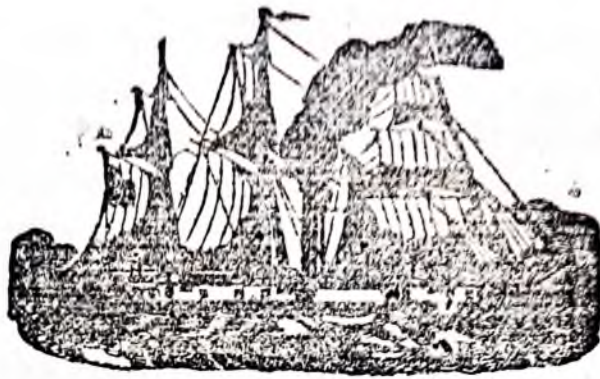
## Enigma.

Um individuo, que ainda ha bem poucos annos era caixeiro nesta cidade, *andando com os cotovellos rotos* e depois apresentou-se capitalista e director de estabelecimentos monetarios sem ter tido grossa herança, nem tirar sortes grandes na loteria, o que será?

E ainda mais, cheio de enbofia, cabala para tudo, e tudo quer ser, tanto no commercial como na politica, gasta dinheiro a rôdo; dá bailes esplendidos, tem carros e carrinhos... onde irá isto parar?... Olho no melro!...

Domingo elle apparecerá para galgar a directoria... no banquinho em que procura com affan sentar-se... para certo arranjo...

O *Hermann*.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 19.ª

BAHIA 15 DE MARÇO DE 1865.

N.º 184.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17, a 17 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 14 de março de 1865.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá á rua do Bangala e indague onde existe uma infeliz filha de João de Mattos, cazada com um meirinho, a fim de trazer á minha presença o marido. Informam que vive continuamente a vizinhança sobresaltada com os gritos da mulher, arrancados pelo barbaro tratamento que lhe dá o sobre dito cujo, e que na noite de 9 do corrente foi tal o espancamento que ninguem esperou mais vel-a viva. Pegue-o per tanto pelas orelhas, e debaixo de pescoções traga-o para bordo, depois de fazer em duas a sua classica cazaca. O que cumpra.

—Tem visto os liberaes como se tem lavado das pechas que lhes attribuem?

—Oh! pois não!  
—Vê que triumpho entrondoso no Uruguay!

—Tambem foi dos liberaes?  
—Quo duvida! Dos liberaes de cá, unidos aos *colorados*, liberaes de lá.

—Pois eu julguei que era da nação brazileira, sem distincção de partidos; até por que via lá o Sr. Cons. Paranhos.

—E não sabe o que fez o Paranhos? não sabe porque foi elle demittido?

—Foi demittido, por que sua missão estava linda. O mais é uma infamia que assoalham os homens do dia, liberaes caturras que nada podendo produzir, tractam somente de desacreditar as mais bem intencionadas acções dos outros.

—Não falle assim dos liberaes!

—E porque não? São liberaes só no nome.

Liberaes centralisadores! Liberaes que votam pela estrada de ferro da corte e deixam duas das provincias a luctar com a morte!

Liberaes que calcam a constituição e todas as leis della derivadas! Libe-



raes que demittem os empregados publicos do partido contrario! Liberaes que por uma pasta insultam seu amigo do hontom, deixam todos os seus companheiros e mettem-se em suas fazendas!

Liberaes da rolha que (para não ouvirem os brados energicos da opposição contra seus desregrados actos) chamam de anti-nacionaes os adversarios para malquistal-os com o povo!

Liberaes da rolha para quem toda a verdade é um paschim, para quem qualquer advertencia do Sr. Saldanha Marinho é opposição!

Liberaes de distincção de classes entre o povo!

Liberaes sem camaras! Liberaes ditadores!

—Está bom, meu amigo, adeus.

—Adeus! Veja a nossa assembléa provincial como vae galante! Em trese dias de sessão, só a houve em quatro!

Pois são esses os liberaes que se atrevem a censurar os adversarios! Ora pelo amor de Deus!



—Aposto que não conhece estas duas firmas que ali estão?

—Não; mas o que é certo é que vão de cavallo e ás carreiras.

—Pois justamente o de baixo é o Las Carreras.

—E o de cima é o Aguirre que vao montado nelle.

—Varro a palha.

Notou porém V. nos nomes daquelles cujos?

Um é trasto de sapateiro, *sovela*; outro é *Pé de moleque*; este anda ás *carreiras*; aquelle roja na *lama* como todos os mais, e assim por diante.

—E por ca temos *flores*, assim como elles ja tiveram suas *rosas*.

☞ Ah! não quer ir, não?! Pois vá entregar seu armamento e dê seu nome.

—Vivam os Voluntarios da Patria!

—Hontem 13 do corrente AINDA não houve sessão por falta de numero!

São quatro dias successives!

Assim como só em quatro dias houve sessão. . . . .

Beatus venter qui te portavit, benedicta assembléa!

Andar assim é bom andar.

### Ao Brazil.

*Poesia recitada na noite de 9 do corrente por occasião da noticia da tomada de Montevideu.*

Era ja tempo!... o a tro da victoria  
A final expandira a luz da gloria,  
Que ao Brazil aclarou,  
E como o cedro altivo da floresta,  
Ao som tremendo de tremenda orchestra  
Montevideu tombou.

Em Paysandú surgira um horisonte!  
O povo brasileiro erguera a fronte  
Radiante de luz!...  
Travou-se a lucta: e o povo sempre erguido,  
Conduzira ao calvario promettido  
Da liberdade a cruz

Eu poeta, eu soldado da sciencia,  
Que no balcão corrupto da opulencia  
Não vendo a inspiração,  
Venho agora com alma interneeida,

Render uma homenagem merecida,  
Aos bravos da Nação.

A liberdade, como luz divina,  
Dando vida á razão, illustra, ensina  
A ganhar-se tropheus:  
No fragor do combate incanigado  
A liberdade é o hymno do soldado,  
A liberdade é Deus.

O povo, o Prometheu da humanidade,  
E' columna que a mão da tempestade  
Não pode demolir,  
O povo é como a onda que espanceja,  
O povo é como a fera que esbraveja  
Quando a tentam ferir:

E é sempre o povoquem sustenta o throno,  
Quem não deixa arrastar-se no abandono  
O brazilio florão:  
E é sempre o povo o destemido vulto,  
Que cospe á face d'um poder stulto,  
De estapido brazão.

Tamandaré, o genio da batalha,  
Que ri-se quando sente audaz metralha  
As plantas lhe beijar,  
Co'a energia que manda a honestidade,  
Co'a nobreza que ordena a liberdade,  
Fez a Aguirre curvar.

Montevidéu é nosso: e muito breve  
A desgraçada sorte que esse teve,  
O Paraguay terá,  
Q'inda ha pouco em combate infurecido,  
Ao gaúcho cruel sempre atrevido  
Vencera Cayabá.

Era ja tempo!... o astro da victoria  
A final expandiu a luz da gloria  
Que ao Brazil aclarou;  
E como o cedro altivo da floresta,  
Ao som tremendo de tremenda orchestra  
Montevidéu tombou.

Brazil, oh! não te curves soberano,  
Que tu es o gigante americano,  
Poderosa Nação;  
Como genio caminha p'ra o infinito,  
Como a aguia não pouses no granito.....  
Tens mais alta missão.  
*Aprigio Menezes.*

---

## A PEDIDO

---

### Noticias.

—O Sr. Dr. Gonçalo Bulcão offereceu os seus vencimentos de deputado

provincial para as despezas da guerra com o Paraguay.

*Solus et unus.*

—O 2.º cadete de 1.º batalhão de voluntarios, José Henrique Barboza de Oliveira, filho do pharmaceutico 2.º tenente do corpo de saúde d'Armada, José H. Barbosa de Oliveira, renunciou em favor das despezas do estado a gratificação que lhe confere o decreto n.º 3371 de 7 de janeiro de 1865.

### Ao Governo da Provincia.

Está visto que a Assembléa Provincial não satisfaz, na quadra actual, os deveres que tem a seu cargo.

Si a provincia ha de estar despendendo sem proveito, S. Ex. o Sr. Des. Presidente bem vê que é de urgente necessidade adiar a presente sessão.

*A opinião publica.*

### Mofina.

« A Guarda Nacional é instituida para defender a Constituição, a Liberdade, Independencia e Integridade do Imperio; para manter a obediencia ás leis, conservar ou restabelecer a ordem e a tranquillidade publica; e para auxiliar o exercito de linha na defesa das praças, fronteiras e costas.»

« A Guarda Nacional deve fornecer corpos destacados para defender as praças, fronteiras e costas do Imperio como auxiliares do exercito de linha.»

« Os corpos destacados não poderão ser tirados da Guarda Nacional *sinão em virtude de lei especial*. Dado porém o caso de rebellião, ou de invasão repentina de inimigos no intervallo das sessões da Assembléa Geral, o poderão ser, por decreto do Governo no municipio da corte, o por ordem dos Presidentes nas provin-



cias, dando-se conta á Assembléa Geral logo que estiver reunida. »

« Para a composição dos corpos destacados serão preferidos os *guardas nacionaes que se apresentarem voluntariamente*, e que forem julgados proprios para esse serviço. »

« Si o numero de voluntarios não for sufficiente para completar o contingente exigido, serão designados os guardas que hão de fazer parte dos corpos destacados d'entre os comprehendidos na lista do serviço activo, que não estiverem dispensados em virtude desta lei, classificando-se todos na ordem seguinte:

§ 1.º Os solteiros.

§ 2.º Os viuvos sem filhos.

§ 3.º Os casados sem filhos.

§ 4.º Os casados com filhos.

§ 5.º Os viuvos com filhos. »

« A designação principiará pela primeira classe, e não se passará á segunda sem estarem designados todos os da primeira, e assim por diante. Em cada uma das classes se principiará pelos mais moços, seguindo-se a ordem das idades. »

« O irmão mais velho de orphãos menores de pae e mãe, o filho unico, ou o mais velho dos filhos, ou dos netos de uma viuva, ou de um cego, aleijado, ou sexagenario (quando lhe servirem de amparo) entrarão na classe dos casados com filhos. »

« A designação será feita conforme os regulamentos do governo pelo conselho de qualificação, com recurso para com o Conselho de Revista, de cujas decisões tambem haverá recurso para o Governo na corte, e para os Presidentes nas provincias. »

(Arts. 1, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 124, da lei n. 602, que dá nova organização á guarda nacional.)

Agora perguntada-se: Um corpo inteiro da Guarda Nacional organizado como actualmente se acha tem obrigação de seguir para as fronteiras?

Respondem: Pode seguir o que voluntariamente se presta.

Mas pergunta-se: Offerece-se como voluntario um corpo, cujos officiaes se negam a seguir na sua maior parte?

E' o que tem obrigação de responder quem quer commendas para o peito, fazendo cortezias com o chapéa dos outros.

---

## ANNUNCIO.

---

### Morte de Aguirre.

(E' SERIO)

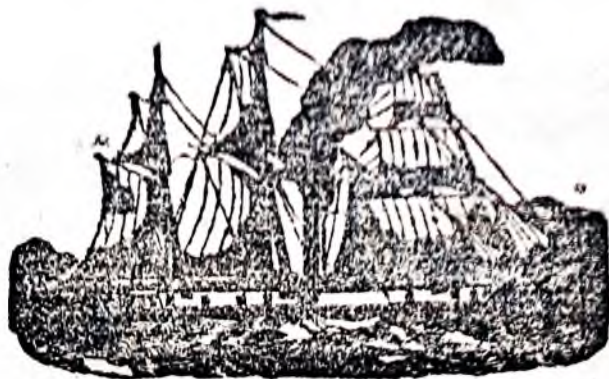
*Viva a rapazeada do Commercio!*

O infâme e covarde Aguirre tem de expiar seus horrorosos crimes sendo queimado em forma de judas, sabbado d'alleluia ás 10 horas da noite no largo do Pelourinho onde será batido por um vapor nacional onde tremulará a bandeira da Nação Brasileira. Espera-se da rapazeada offendida em seus brios nacionaes suas quotas para tão licito e innocente divertimento do Povo, dando ao mesmo tempo uma lceção aos malvados uruguayos que *pretendiam* ofuscar os brios de nossa Nação. A subscrição acha-se na loja da Fama ao largo do Pelourinho n.º 68, e no Commercio em mãos Srs. Caixeiros para assignarem. Convida-se para o indicado dia ás 10 horas da noite a rapazeada Academica, Caixeira e a todo povo em geral.

---

Na lojinha á rua Direita da Misericordia n. 10 vende-so e aluga-se cêra em porção e a retalho, papel para requerimento, rapé tambem a retalho e diversas miudezas, etc. etc.

---



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 19.ª

BAHIA 17 DE MARÇO DE 1865.

N.º 185.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 175 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 16 de março de 1865.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe que continúa a haver todos os dias ajuntamento de capadocios na loja n. 1 D. do sobrado conhecido pelo do major Jequiriçá à la-deira da Barroquinha, ajuntamento que é seguido de desordens provenientes da jogatina que alli ha; o que é de urgente necessidade que desappareça affim de evitar algum caso lamentavel.

—Ao Sr. subdelegado da Sé, communicando-lhe que na sua freguezia ha uma nõva *biboca* com o titulo *Café Brazil*, onde ha todas as noites *orgia* a valer praticada por diversas meretrizes que alli se reuñem em companhia de alguns *bailernistas*; o que traz os moradores da rua por detraz da Sé em continuo incommodo pelas immoralidades que alli se dão. Espera-se por

tanto do zelo e energia de S. S. a repressão de taes escandalos.

—Ao Sr. subdelegado do 1.º districto de Santo Antonio para que dê providencias sobre o barbaro tractamento que recebe uma creoulinha de sua deshumana mestra, á rua dos Marchantes. A visinhança toda se queixa dos diarios, continuos o incessantes castigos que a Gorgone applica na infeliz discipula, cujos gritos, gemidos e pedidos só não commovem o impedernido coração da furia. Confia-se por tanto na rectidão o integridade de S. S.

—Oh! Tabareu na cidade é força de negocio.

Quando chegou? "

—Ha ja tres dias.

Muita novidade por aqui tem havido: pelo que me dizem e pelo que tenho lido houve grande demonstracção pela occupação de Montevidéu.

Sabiu até o Senhor dos Passos em procissão de triumpho.

—Quem lhe contou isto?

—Li eu no *Liberal* de 11 de março, que aqui trago no bolso.



Veja a noticia dos festejos, olhe:  
«O corpo academico deixando a scho-  
la medica. . . .»

—Ora Sr.! Si a schola estava em fo-  
rias!

—Não é isto. «Durante. . . «O corpo a-  
cademico. . . «Foi uma festa. . . Está a-  
qui: «A' tarde os voluntarios acompa-  
nharam com a maior contricção a ima-  
gem do Senhor Bom Jesus dos Passos.»

—Procições de quaresma, claro a-  
migo; foi a imagem do Senhor dos Pas-  
sos que d'Ajuda foi em deposito para a  
Cathedral.

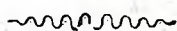
—Ora não cassúe!

Então como é que se inclue uma  
noticia inteiramente diversa em outra  
e se conclue assim:

Continuam ainda hoje os mesmos  
festejos!

—Eu sei, eu sei!

São cousas do *Liberal!*



—Capitão pegou a moda do Rio da  
Prata.

—Que moda, rapaz?

—As cordas, capitão.

—Cordas para que?

—Para recrutar. Na freguezia de S.  
Sebastião um alferes mandou laçar um  
tal Ignacio, no Jacaré, e o rapaz foi  
laçado por um Rufino, conduzido ao  
arraial, donde seguiu algemado para a  
villa de S. Francisco e dalli para aqui,  
onde creio que ainda está na Palma.

—E como se chama o alferes?

—Por S. *Pedro Alexandrino* que  
não sei.

—Ora diga, Sr. *Gouveia*.

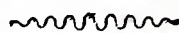
Por todos os santos de *Portugal* ju-  
ro-lhe que tenho medo de dizer, pois  
esse alferes uma vez por brincadeira  
quiz furar a barriga de um certo João  
Barriguinha, e quando nada pode tam-  
bem querer recrutar-me a laço.

—E anda-se recrutando a quem tem  
isenções?

—Esse alferes nada respeita. Ha  
pouco recrutou um rapaz com o braço  
quebrado, marceneiro, de nome João  
Cancio, filho unico d'uma pobre mu-  
lher que lhe não quiz lavar uma por-  
ção de roupa, e mandou-o escotado  
para aqui, onde consta que sentou  
praça.

—Pois si não diz o nome, perde seu  
tempo em contar historias.

—Paciencia.



—Capitão, novidade.

—Diga-se.

—Na Palma ha uma caza encantada.  
Um destes dias foi ella aberta e sem  
ninguém alli morar, encontrou-se den-  
tro cadeiras, sophá, lençoes com ini-  
ciaes, restos de petisco, garrafas de vi-  
nho do Porto etc. etc.

—E de quem é esta caza?

—Dizem que do Sr. coronel Pedroso.

—E nada mais adianta?

—E' que eu vi uma noite alli den-  
tro um charuto á janella, mas não dei  
cavaco porque julguei que eram mora-  
dores.

—Que mais?

—E' que depois que o encarregado  
da caza mudou a chave por causa do  
incanto, eu bispei o seguinte. Um ne-  
gro apagou o lampeão da esquina, ea-  
za do Odorico, e dous vultos apparece-  
ram e sentaram-se á porta do sobra-  
do; bateram com os cotovellos. Quiz  
reconhecel-os; eram dous homens que  
abriram um chapéu de sol e cubri-  
ram-se.

Retirei-me e espiou-os; bateram com  
mais força.

Vim de novo a reconhecel-os; le-  
vantaram-se e um cobriu com o capo-  
te o outro que era mulher. Acompa-



nhei-os; tomaram a direcção da caza do Cons. Magalhães em cujo vão se encastellaram.

Escondi-mo e espiei-os; voltaram, mas nada puderam fazer: estava-lhes interdita a entrada.

— Isso é algum caso horroroso que se premedite ou consumma contra a honra de alguma familia; para poetas simplesmente um episodio romantico, amores cavalheirescos. . . . .

Que se ha de fazer?

A policia que, si quizer, syndique do facto e faça o que pode.

Eu ja fiz o que pude.

— Sr. Pacha chegue á forma! Então Vm. tambem pertence á companhia do Olho-vivo?

— Eu não, capitão.

— Então como é um caso com o caixeiro da Estrella do Oriente que se queixa que Vm. *bifou-lhe* 50\$000 rs. no sabbado?

— Pilheria, capitão.

— Mas elle não lhe tirou os cobres do bolso?

— Foi por gracejo.

— Que graça pesada!

— Capitão, o estrangeirismo, ou antes o luzitanismo invade tudo.

— Rapaz, deixa-me!

— Por estas e outras é que tudo succede.

Fique V. Ex. sabendo que até missas ja se manda dizer em Portugal.

— Causa simples: por que aqui não ha padres.

— Pois eu vejo-os aqui em abundancia; e tanto os ha que dizem que elles vão á Ordem 3.<sup>a</sup> do Carmo e são despedidos por não haver dinheiro para a celebração das missas!

E o que consta é que sendo o thesoureiro portuguez, quer mandar dizer as 4000 missas da caza na sua bema-venturada e santa terrinha, para proteger seus bondosos patricios.

— E que se ha de fazer?

Manda quem pode, obedece quem serve.

— Forte pachorra!

## Ao Paraguay!

AOS VOLUNTARIOS DA PATRIA.

O Brazil vae fazer de um povo escravo

Um povo livre—A algema brutalisa

Horda de vis sicarios que inda brijam

A propria mão que ferrea os tyrannisa.

Vae dar uma lecção tremenda ao despota

Que o povo á escravidão contente guia;

E ao gremio das nações chamar o escravo

Que adora a escravidão e a tyraunia.

Vilão e sanguinario, os seus escravos

Lopez verá passar livres do jugo,

Livres a seu pesar, que importa aos bravos

Que vão das mãos tirar-os do verdugo?

Tyranno em miniatura, ha de a arrogancia

Ante nossos canhões depor em terra!

Sus! á guerra, valentes paladinos

Da luz, da liberdade! á guerra! á guerra!

Ides regar de sangue aquelles campos

Onde impera o terror da tyrania;

Porém do nosso sangue generoso

Ha de nascer a liberdade um dia!

Filho da gloria, o santo enthusiasmo

Que da da patria o amor, te guia e inflammã;

Arde-te á face a injuria feita á patria

Que nunca embalde o sangue te reclama.

E o paraguay, iubruteado aos ferros

De antiga escravidão e servilismo

Vacilla e treme e só o instiga o latego

Que Lopez deu por sceptro ao despotismo

Que importa ao serro a gloria da conquista,

Os louros da victoria dos tyrannos?

Elles não tem amor á liberdade. . . .

São paraguayos, não americanos!

Obedecem á voz da tyrania,

Ao aceno da fera que os domina



Ide, valente troço de guerreiros.  
Mudar daquelles barbaros a sina.

Ide ensinar áquelles saltadores  
Que a Matto-Grosso as garras estenderam  
Dos seus covis a estrada insanguentada  
E a aprenderem de novo o que esqueceram

A aprenderem que ás nossas baionetas  
Ja deveram a patria e a liberdade,  
E que um piro d'ingratos que isto esquece  
E' indigno de viver na nossa idade.

Heróes, vingae o ultrage feito á patria  
E a luz levae áquella escuridão!  
Mostrae áquelles vis que um brasileiro  
Vale cem dos escravos d'Assumpção.

Ao Paraguay, valentes campeadores,  
A luz, a liberdade e a paz levae!  
A gloria vos sorri, vos abre os braços:  
Ao Paraguay, irmãos, ao Paraguay!

*Dr. J. A. Teixeira de Mello.*

## A PEDIDO

— Gallego vem cá!

Porque espancaste no dia 6 do corrente aquelle pobre menino?

— Estaba vevado, capitão.

— Pois mando metter-te a taca para melhoraes o systema de tuas bebedeiras.

— Tal não faça, capitão!

Repare B. Ex que eu sou de varro e uma lamva-la do muxingueiro desanca-me todo.

— Pois então limparás com a lingua a cloaca do navio.

— Concorde, concorde, capitão.

Sr. *Carne secca*. — Sei que tem de fazer uma viagem no *Santo Antonio* até até a ilha da *Pouca roupa*, e então peço-lhe que diga lá ao *Nunes* que seja mais commedido não só com os *viantantes* como com a gente de casa. A maneira brutal porque tratou o rapaz da villa de S. Francisco, é só propria de um mariola grosseiro, e não de um homem que quando não seja, deve parecer um cavalheiro.

Pergunte-lhe si ja so esqueceu da desfeita que lhe fez o patrão-chefe naquella viagem do *Regresso* para a Barra.

## Ao Exm. Sr. Presidente.

Embarcam, amanha 17 do corrente, os voluntarios do 1.º batalhão.

Consta que não receberam dinheiro, para acudir ás necessidades urgentes; dizem que o Sr. commandante adianta-lhes apenas 2\$500 rs.

Bem vê V. Ex. que é isso um vexame para homens que vão salvar a dignidade da nação, e que deixam todos, mais ou menos, mães o irmãs, mulheres, filhos e parentes.

Consta-nos. que o Sr. Francisco do Amorim Falcão em conciliabulo com o seu *habilissimo* procurador José Leocadio Ferreira Mondim juraram pelos Penates, que em quanto ambos tivessem vida nenhum herdeiro, do casal padre Alexandre da Silva Menezes, entraria no gozo de sua herança.

Afirmamos-lhes que em quanto houver leis e juizes rectos havemos do competir, pois estamos convictos do triumpho da justiça de nossa cauza, como é publico e notorio.

*Alguns herdeiros.*

## Justiça.

Entraram para o quartel, afim de auxiliar a força policial, oitenta e tantas praças do 3.º batalhão da guarda nacional.

E continuam as rondas de vapor?

Pois os paizanos ja se não querem prestar. . . .

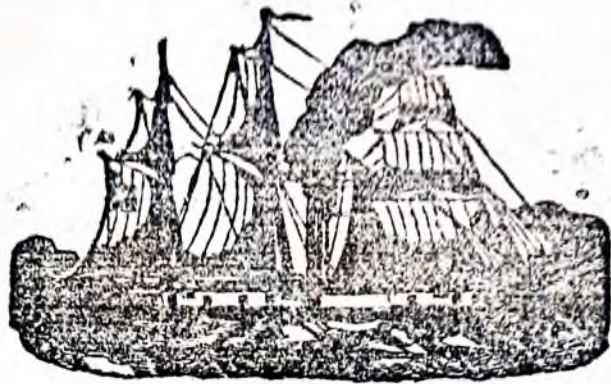
Ha policia paga, deve cessar o sacrificio.

*Ora-veremos.*

— Sr. arrematante de fornecimentos, para que ha de andar Vm. a berrar e gritar com os caixeiros das lojas onde manda aviar encomendas?

Como é que Vm. vae á loja *salgada* e põe-se a gritar com o pobre caixeiro, como si fosse seu escravo?

Olhe, Sr. *Manuel*, hei de pedir ao *Gomes* que lhe conte aquelle caso acontecido com o *Bastos* para ver si Vm. se emenda.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHIISTOSO.

SERIE 19.ª

BAHIA 18 DE MARÇO DE 1865.

N.º 186.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1\$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs. º

## O ALABAMA.

### ○ embarque dos voluntarios.

Hontem embarcaram o 1.º batalhão de voluntarios da Bahia, a 1.ª companhia de zuavos bahianos, os voluntarios e os caçadores de Sergipe.

Foi uma brillbante festa. Mais de quinze mil pessoas enchiam as ruas por onde passava o luzido prestito, as quaes estavam todas embandeiradas e ornadas de elegantes arcos, entre os quaes distinguiam-se o da sociedade Italiana, á rua Direita de Palacio e o do Gymnasio Bahiano á ladeira da Conceição. No arsenal estava tambem preparado um lindo arco, onde se via o Brazil, representado por um indio, co-roando o voluntario da patria; lia-se esta inscripção: —A patria agradecida.

Compareceram a tão solemne acto todas as authoridades, a assemblea provincial, a corporação dos veteranos e o 2.º batalhão de voluntarios.

De todas as janellas que estavam embandeiradas choviam poesias e flores sobre os bravos defensores da na-

ção que eram incessantemente victoriados pelo povo enthusiasmado.

Ao chegar ao arsenal, novas poesias foram ouvidas e S. Ex. o Sr. Des. presidente da provincia recitou uma bella allocução, depois do que seguiu-se o embarque.

Foi uma festa nunca vista: o entusiasmo, o amor da patria, a união que reinava neste brioso povo muito concorreram para seu realce.

Cidade de Iatroopolis, bordo do Alabama 17 de março de 1865.

Estando fechada a secretaria em consequencia do embarque dos voluntarios, não houve expediente.

—Capitão, que padre é aquelle?

—E' o padre Quiabo Duro, subdelegado, juiz de paz, escrivão, pastor que só cuida das ovelhas para mettel-as no bucho.

—E aquelle outro sujeito?

—E' o espoleta do vigario, piloto que enxerga como quatro e ja foi juiz de paz tambem.



—Que juiz piloto é isso?

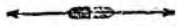
—É um que vivo a fazer carotas.

—Diga o nome.

—Ainda que V. Ex. me peça por S. *Inocencio*, ou mesmo por S. *José* que é milagroso, eu tenho obrigação de de não dizer.

—Pois veja si diz, lembrando-lhe eu o monte das *Oliveiras*, onde orava Jesus Christo.

—Está bom, capitão, eu vou a *Pirajá* e na volta fallaremos.



—Capitão, V. Ex. não tem sabido do que se ha passado nos matos do *Jacaré*?

—Proximidades da roça do Sr. *Pedroso*?

—Sim, Sr.

—Tracta da morte de duas mulhe-ros?

—Sim, Sr. E que diz V. Ex. a isso?

—Eu nada.

—Pois eu tenho minhas suspeitas. O Sr. *Pedroso* tem muitos negros em casa, deixa-os alli á mercê de Deus; elles a ninguem respeitam; dizem que furtam pela vizinhança; sambam desordenada e escandalosamente a ponto de incommodarem a quem mora pelos *Curraes Velhos*, *Quitandinha* e rua *Direita de Santo Antonio*; devem fazer o diabo, ter seu candomblé, suas feitiçarias em casa. . . . .

—E que tem la isso com as mortes?

—Que tem?

É que si eu fosse a policia, prendia-os todos, punha-os em interrogatorio e havia de apparecer cousa por força.

—Quer V. dar conselhos a policia! Ora empine-se!

—Está direito, capitão; tudo va e em progresso; até o seu modo de tratar.

—Onde va e, amigo, tão zangado?

—Ora deixe-me, estou levado dos seiscentos milheiros do diabos.

—Quem lhe causa tanto vexame?

—O homem que *confere* as medidas. Como é o unico no seu genero, assenta que deve massar os que lhe cahem nas unhas.

É a decima vez que vou procurar uma vara que mandei *conferir* e nada de encontrar o homem.

Não sei si o cujo se occupa em alguma outra cousa que o faz esquecer de seus deveres.

—Não sabe que elle tem uma roça onde leva a colher *pitangas*?

—Ah! só si é isso.

### Adeus.

AOS BRITOSOS VOLUNTARIOS BAHIANOS.

*Dulce et decorum est pro Patria mori;*  
HORACIO.

Pressurosos, da Patria ao chamado,  
Mais temiveis que as hostes da Gallia,  
Como, ha pouco, os valentes da Italia,  
Ao theatro da guerra marchaes!  
N'este empenho, que tanto vos honra,  
N'esta marcha, que exprime a vontade,  
Pela gloria calando a saudade,  
Lar, familia, fortuna deixaes!

Mãe suprema, prevendo a perfidia  
Quaes aos seus filhos mil ferros aguça,  
Quem não geme, si a patria soluça?  
Quem não corre, a vingal-a, feroz?  
Para settas quebrar d'inimigos,  
Quem não sente escaldarem-se as veias?  
Quem não parte de amor as cadeias,  
Para as garras partir de *Munhoz*?

Não foi só para a Italia remir-se  
Que o civismo gerara os caudilhos;  
O Brazil como vós possui filhos,  
Que mais bravos a Europa não tem.  
N'Assumpção o bahiano heroismo  
Do Cruzeiro o estandarte desfralde;  
Si na Italia venceu *Garibaldi*,  
*Garibaldi*s nós temos tambem!

Aos guerreiros d'ildéa tam nobre  
Que de flores estaõ reservadas!  
Por santelmo das vossas cruzadas

Nietheray vos prepara um pendão (1)  
N'essa tela, bordada d'estrellas  
Pelos dedos de brâzilas damas,  
Quando tentes cuspir, impio *Lamas*,  
Tuoja a laura o teu nome, villão!

Surge a aurora que as trevas espanca  
D'essa noite servil, feia noite;  
Paraguay, da viangaça o açoute  
No Brasil já l'espera sem dó!  
N'este sólo de martyres cheio  
Quando em sangue sublimam-se as almas  
Do martyrio rebeatau mil palmas,  
Mil vencidos se arrastam no pó.

Já no *Prata* não fallam as iras  
D'esses *blancos*, irmãos desunidos;  
Recuando ao furor dos partidos  
Já de *Aguirre* o furor se abateu!  
Ide, agora, punir *Gorostiaga*;  
Implacaveis, correi, *Voluntarios*,  
Contra o bando voraz de sicarios,  
Que d'inermes o sangue bebeu!

Negras nuvens de fumo rompendo  
Ao troar dos canhões das bombardas,  
Dos bahianos s'illustrem as fardas,  
Seja o peito bahiano um arnez:  
Ao lampião das armas do Norte,  
Para as furias do birathro emigre  
O bandido da honra, esse tigre,  
Esse tigre chamado *Lopez*!

Do Amazonas ao *Prata* a victoria  
Hade ao mundo narrar maravilhas,  
Quando forem as brâzilas quilhas  
Tuas aguas sulear, Paravá.  
Ante a força do Imperio gigante  
Da *republica* humilhe-se o *Nero*;  
Quem outr'ora, transpoz *Tonelero*,  
Hade as chaves quebrar de *Humaitá*.

Grande exemplo vos deu *Matto Grosso*  
Na pujança de *Villa Maria*;  
De *Carrero* a sublime ousadia  
Fez *Barrios* dobrar a cerviz!  
Quando à luz d'este sol que nos queima  
Do *gaúcho* rompermos a capa,  
Dos paizes mais fortes no mappa  
Mostraremos que somos paiz.

Quem não lê n'estes rostos desejos  
De pagar ao *gaúcho* um aggravo,  
Vendo à frente o cadete mais bravo,

(1) A preciosa bandeira que as patriotas senhoras bahianas, residentes na corte, pretendem offerecer ao 1.º batalhão de Voluntarios da Bahia.

Que entre os bravos Nelson *Labatut*? (2)  
Quem, levando por chefe a coragem,  
Ser na lucta o primeiro não timbra,  
Imitando os heroes de *Cóimbra*,  
As façanhas que viu *Paysandú*?

Succumbir na peleja, o qu'importa  
Aos que zombam da morte na campã?  
Quando a lousa de um bravo destampa  
O porvir colhe eternos trophes,  
Que valera um de vós, si vivendo,  
O torrão de seu berço infamasse?  
Aos que ás balas não voltam a face,  
No meu canto dirijo este adeus.

Eia, avante, guerreiros bizarros,  
Mais temiveis que as hostes da Gallia,  
Como, ha pouco, os valentes da Italia,  
Ao theatro da guerra marchae!  
N'este empenho, que tanto vos honra,  
N'esta marcha, que exprime a vontade,  
Convertendo em victoria a saudade,  
Laureados á Patria voltae.

Rozendo Moniz Barretto.

---

## VARIEDADE.

---

### Conselhos

De D. Veronica de Antonina a seu patricio Lopez.

Meu amigo D. Solano  
Do meu peito e coração  
V. tem feito asneirada  
Perdendo nossa nação,  
E ficamos reduzidos  
A um povo de invalidos.

Não vê V. que o Brazil  
E' mui e forte aguerrido?  
Para que foi despertar  
O leão adormecido?  
D. Solano, meu patricio,  
Cuidado com D. Propicio! (\*)

Para que em Matto Grosso  
Com tanta sanha e crueza  
Mandou cortar o pescoço  
A tanta gente indefesa?

(2) O Illm. Sr. major José da Rocha Galvão, assim appellidado nas luctas da Independencia pelo general.

(\*) Menna Barretto.



D. Solano! Solanão!  
Pega a Deus já seu perdão.

A D. Juan M. de Rosas  
O Brazil desbaratou. . . .  
Depois não diga raivoso—  
Santo Antonio mo enganou—  
Tenha sempre na memoria  
Esse facto da historia.

(*Extr.*)

### Morta duas vezes.

Tendo morrido uma senhora, o seu inconsolavel marido, derramando copiosas lagrimas, mandou dobrar todos os sinos, e dar esta triste noticia a seus amigos e parentes. A' noite, estando elle guardando sua cara metade que jazia estendida sobre uma esteira, tendo aos lados quatro grandes castiçaes de pau com vellas acezas, eis que ella senta-se repentinamente dando um suspiro.

—Ai Jesus! . . . .

—Que é isto lá? exclamou o marido.

—Acordei, disse a pobre mulher: e sonhava tantas cousas feias. . . . «

—Acordou! . . . . como! . . . . pois a senhora não morreu?! . . .

—Estava dormindo. . .

—Qual dormindo! . . . . a senhora morreu, estava morta e muito bem morta; tanto que já mandei dobrar os sinos, e participar aos amigos. . .

—Mas o senhor está vendo que eu estou viva e sã. . .

—Viva! viva e sã!! . . . interrompen o marido. Oh! sempre a senhora hade andar de encontro a tudo que eu faço, até depois de morta! Quer agora deixar-me de mentiroso, quer que eu appareça amanhã com cara de cão? tenha paciencia. . . .

E arrumou-lhe com um dos castiçaes na cabeça. A pobre mulher não acordou mais.

(*Extr.*)

### A PEDIDO

Sr. Redactor.—O *Jornal* traz um mixtiforio, repetição d'um aranzel, ha

tempos publicado, onde se lê que o subdelegado da Penha tem recrutado os homens de bem, só porque não são de seu partido.

Uma gargalhada é o que mereço em resposta aquella demonstração da alma pequena que a escreveu. O publico porém precisa de explicação e tel-a-ha.

Até hoje o Sr. capitão Hermenegildo só recrutou a dous individuos: um Braga, sem occupação conhecida e um Venancio, conhecido por Chibata, cuja vida é uma serie de desordens e prisões e processos.

Actualmente estando elle affiançado pelo Sr. Dr. Freire, tem feito na Penha tres conflictos, sem que o Sr. Freire pague a fiança, dizem.

Si pois são esses os homens de bem da Penha, não admira que perigue alli a causa da liberdade e do progresso, e mesmo a segurança individual e a honestidade das familias.

Verdade é que alguns outros tem sido dalli remettidos, mas são guardas nacionaes remissos, requisitados por ordem de seus commandantes.

Funda-so nisso a accusação que levantam ao digno Sr. subdelegado, que aliás é hoje gabado por ambos os partidos como moderado, prudente e justiceiro.

O publico avalie portanto si o ladrar do cão pode deter a lua na sua marcha incessante.

*O verdadeiro itapagipano.*

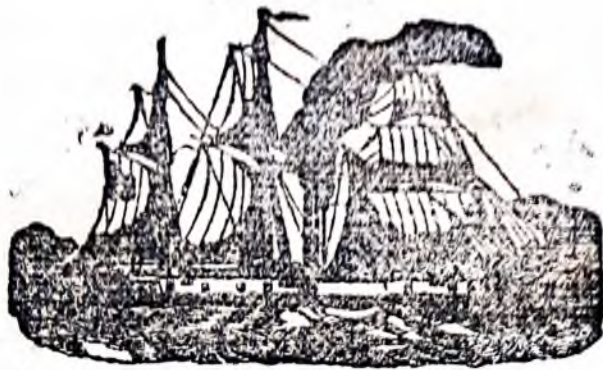
O abaixo assignado, pede aos Srs. redactores do periodico *Alabama*, que declarem, si o referido teve alguma ingerencia sobre a portaria que trata do official de justiça morador a rua do Bangala, a qual foi publicada no dia 15 de março no mesmo *Alabama*.

Bahia 18 de março de 1863.

*Eduardo d'Abreu Contreiras.*

Não, senhor.

*A Redacção.*



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 19.ª

BAHIA 21 DE MARÇO DE 1865.

N.º 187.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17, a 175 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 20 de março de 1865.

Officio à camara municipal, pedindo-lhe que dê-andamento ao concerto das fontes publicas, segundo os desejos manifestados por S. Ex.

—A' mesma, pedindo-lhe que mande tapar um buraco que ha na rua da Oração, quasi defronte do collegio S. Salvador, e que serve de despejo publico aos moradores daquelle logar, indo até os pretos despejarem alli barris com trampa.

—A' mesma, pedindo-lhe por favor que mande concertar um cano que ha na Palma, o qual, no dia do embarque dos voluntarios, além do pintar as calças dos concurrentes, exhalava tão odoriferos vapores que a rapazeada viu-se obrigada a deixar de respirar, tapando as ventas que não estavam dispostas ao forte e insinuante cheiro de farinha velha.

—A' mesma, pedindo-lhe que mande quanto antes remover um enorme esterquilinio que ha no principio da estrada da Quinta dos Lazaros e que ameaça estreitar o caminho e impedir o transito, além do damno que pode causar à saúde da vizinhança, pelos miasmas que exhalam as cabeças de boi e os seus ossos com fragmentos de carne que alli se acham.

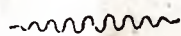
—Ao Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe providencias para que o administrador da casa de Asylo esteja sempre presente afim de evitar os repetidos disturbios e escandalos que se dão entre os mendigos alli residentes.

—Ao Sr. Dr. procurador fiscal da thesouraria provincial, para que quanto antes dê as necessarias providencias afim de que seja arrecadado o sello dos legados deixados em testamento por Joaquim de Castro Lobo fallecido em 1854.

—Ao Sr. subdelegado de Sant'Anna para que dê providencias a fim de cessarem os escandalos nunca vistos e incessantemente a S. S. denunciados, os quaes tem logar no celebre beco do A-



raça, onde a offensa á moralidade publica é habito e virtude de certos moradores que timbram em incommodar os outros.



—Viu o *Jornal* de sabbado? Traz uma publicação a pedido, em que se defende o actual governo.

—Amanhan os ligueiros hão de fazer disso carga de culpa a elle.

—Deixal-os, pobres de espirito, que não sabem o que fazem!



—Quero dar um passeio por aqui.

—Pois vamos.

—Bello! temos um rio; entremos comtudo: passa-se a pé.

—Qual! que *rio fundo!*

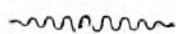
—Passemos na canôa.

—Vamos á caza do vigario.

—Aquillo é um tratantão; roubou todos os parentes, todos os credores do pae; é um devasso cujo contacto pode polluir-nos.

—E que *cofi* está na porta do cujo!

—Voltemos ja e ja que o bicho pode roer a canôa.



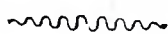
—Que diabo é aquillo na rua Direita do Palacio?

—Aquillo o que?

—Aquelle vulto alli que toma quasi metade da rua, impedindo que se passe pelo passeio.

—Ah! é a D. Anna das Quartinhas que se repimpa todas as noites n'uma cadeira a contemplar o mundo.

—E o mundo a contemplal-a!...



—Conhece aquelle sujeito?

—Não.

—Um que despachava na policia.

—Não.

—Um que é cazado e que nove dias

depois do cazamento mijou a mulher e a cama.

—Não.

—Um que não paga os alugueis das cazas em que mora.

—Não.

—Um que disse ao proprietario que fizesse penhora nos trastes, pois a mulher os tinha trazido.

—Não.

—Um que gastou a fortuna em andar a carro ao lado de marafonas,

—Não.

—Um que tomava á força o dinheiro que a mulher arranjava com costuras e ingommados.

—Não.

—Um que toma o dinheiro para os despachos e embebeda-se, a ponto de fazer a pobre da mulher dormir nos mattos.

—Não.

—Um que espanca a mulher.

—Ora diga o nome e deixe de massar-me!

—Chamam-no João Sete Poias.

—Ora viva!

—O nome d'elle é *João* sim, Sr.

—João não é nome porque se tracte em publico.

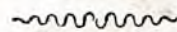
—Então V. Ex. pergunte ao *Rodrigues* que deve saber.

—Ora que desaforo!

Muxingueiro!

—Capitão, perdoe-me pelos tormentos e Paixão do Bom *Jesus!*

—Muxingueiro vae com este *bolas* pegar o cujo.



—Que desaforo! Que escandalo!

—O que ha rapaz?

—Não vê aquella mulher de côr parda com as costas insanguentadas?

—Vejo. O que foi aquillo?

—Obras de um cortador de carne,

—Como?

— A mulher foi ao talho e comprou tres libras de carne, nas quaes o magano teve a habilidade de *diminuir* meia libra. A mulher conheceu o logro e reclamou. Mas o sujeito além de uma tremenda descompostura, deu-lhe com um dos ganchos de pendurar carne e feriu-a daquella maneira. E como a pobre mulher não tem protecção, além de ficar com a carne mal passada, lá vae espancada.

— E os fiscaes o que fazem?

— Agora não ha fiscaes.

— Ora si os ha!

— Então é que elles não viram.

— Onde se deu este facto?

— Na Baixa dos Sapateiros.

— Em que talho?

— N'um talho do Sr. Cafezeiro, que tem por cortador um pardo escuro de nome Pedro.

— Aspirante João de Deus!

— Prompto.

— Va sem demora ao talho do Sr. Cafezeiro e traga-me o individuo de nome Pedro que quero mandar ensinar-lhe o modo de bem viver no porão deste navio.

— Já.

### A PEDIDO

— Que sujeito é aquelle?

— Oh! aquelle é um bom tratante

— Porque?

— Quiz agora de proximo ficar com uma venda por trapaçarias.

— Em que logar é a venda?

— Por Deus como não é na Solidade.

— O numero da venda?

— Por S. Domingos como não é n. 1.

— Mas como queria elle ficar com essa venda?

— Eu lhe conto, por meio de trapaçarias: dizendo que tinha tomado estucha com os generos variados.

— Elle estava cego?

— Elle disse que não tinha assistido ao balanço.

— Pelo contrario que sim.

— Isso foi só para r...

— Que quantia?

— Por S. José como foi 120,000 rs. e não satisfeito queria cento por cento; mas quando o Souza vier com um Pires elle pagará.

— Como?

— Como! basta elle ser quem é, la... e feiticeiro.

— Feiticeiro como?

— Basta que a m... é mamãe de terreiro.

— Em que logar?

— Parece-me que no Pau-javá.

— E quem é aquelle outro?

— Oh! aquelle é de mitra, gaita, fogote, canera diabo.

*Um que não gostou.*

### Dialogo

ENTRE O XITA E O JAMBRO, UM ESCRIVÃO,  
OUTRO JUIZ.

— Que fazia V. S., Sr. juiz si o chamassem ladrão?

— Eu? não sei. Porque?

— Porque? Pois aquelle cachorro do Bucha, aquelle lingua de trapos, aquelle tratante mór, não teve a ousadia de dizer que eu era ladrão!

— Ora, não faça caso: isso disse elle muitas vezes ao Lobo da Solidão, mas o Lobo nunca se inflammou.

— Pois eu me inflammou.

Não está má! o miseravel, depois que o Gustavinho lhe jogou com o cartorio ás ventas por não poder servir, andou atraz de mim pegando-se por quanto santo havia para eu lhe comprar o emprego, que suas ladrocinhas lhe tinham feito perder e diz que eu é quem insisti com elle para a damnada



do tal venda, em que antes nunca ou me tivesse mettido.

—Mas o facto é que V. não pagou.

—Não paguei e fiz muito bem; para o presidente mandar tirar-me o logar e o Sr. Bucha ficar com meu dinheiro, como ficou com o do Gustavo, que nunca mais entregou!

—E que se ha de fazer? é fado do Bucha pregar buchas; que quer? ha nomes fatidicos.

—Quaes fatidicos nem historias! Eu ia vendendo meus pães e já desde esse tempo me acostumei a ter medo dos embuxados; mas o damnado do Bucha de Sessenta, vendo que o iam processar e que elle não poderia vender o emprego, pediu-me, rogou-me, intercedeu para que eu ficasse com o emprego para pagar-lhe depois de resolvida uma duvida que havia ahi; mas assim que me pilhou dentro, queria que elle lhe pagasse o cobre.

—E tinha razão.

—Razão! Parece que V. S. só dá razão aos velhacos. Razão como?

Pois eu não paguei assim que se deidiu a duvida?

—Mas não pagou 1:100\$ rs. como ajustou.

—Paguei um conto e elle acha pouco? Elle comprou ao Batelomeu dous empregos por 600\$ rs. e vende-me um só por 1:000\$ rs., que quer mais? Tanto mais quando elle estava para perdê-lo e eu podia ser nomeado por meu sogro sem pagar real.

—Mas o logar vale mais.

—Mais o que? Elle diz que rendia-lhe o logar 900\$ rs. Não duvido, por que elle sempre foi muito ladrão e em vez de um cobrava cinco e sabia como um preto ganhador desses descarados com o livro debaixo do braço a angariar trabalho nos Tamarineiros; mas eu não hei de fazer o que elle faz.

Rende o que? Rende, si muito 600\$ annuaes: não rende mais,

—Mas V. não lhe pagou 1:000\$ rs.

—Então? descontei 600\$ rs. que elle devia de impostos; não estava em meu direito? E depois mandei-o chamar para me ensinar e elle teve o atrevimento de cá não vir; que lhe parece!

—Ora o Bucha é uma boa xita e V. é um embuxado não menos mau. Sa-fe-se!

—Cebolas, Sr. Jambro!

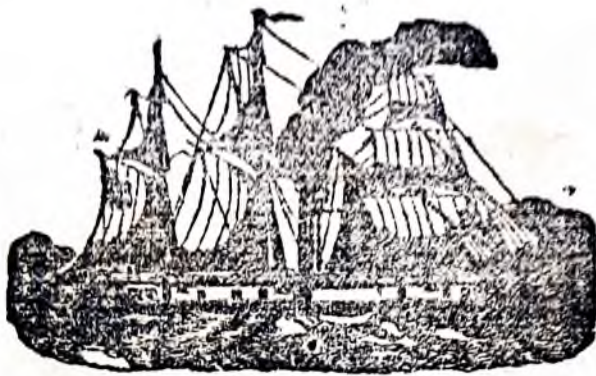
### Attencção.

Sr. Redactor.—Como não é possível que a calumnia abuse da boa fé d'um redactor para invectivar homens honestos e moralizados, peço-lhe que transcreva em cada numero do seu jornal os documentos que lhe remetto.

*O inimigo dos infames.*

Nós abaixo assignados, moradores á freguezia do Pilar á rua da Munganga na vizinhança do Sr. Amelio Ferreira da Silva declaramos e juramos si necessario for que alli mora o mesmo Sr. com sua familia, cumpre os deveres do bom pae, pois que trata sua familia com desvello, merecendo por isso a sympathia d'aquelles que o conhecem, é assiduo ao trabalho, e nunca presenciamos, nem ouvimos dizer que tenha vicio algum, nem tão pouco que maltrata sua familia com offensas de qualquer natureza, antes, ao contrario, educa seus filhinhos muito bem e os trata decentemente conforme suas posses. E' o que em abono da verdade declaramos, e estamos promptos a justificar. Bahia 10 de março de 1865:

—Manuel José Soares, Balbino Benjamim dos Passos Bahia, José Gonsalves dos Santos Marques, Manuel Joaquim de Sant'Anna, João Antonio de Miranda, Mauricio Joaquim de Argóllo, João José Espinola, O alferes Anaeto Ventura Paraizo, José Candido Pereira, Francisco Pinto da Silva, José Maria da Fonseca.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 19.ª

BAHIA 23 DE MARÇO DE 1865.

N.º 188.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., á rua da Mizericórdia n. 17, a 4\$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 22 de março de 1865.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que mande cortar os mallos que ha na frente da Matança e da roça do coronel Pedroso (caminho da Quinta dos Lazaros) os quaes além de estreitarem a rua e impedirem o transitio formam um arco ou capoeira, por sob a qual passa difficilmente um carro, cujas rodas vão por cima do grande monturo de que já deu-se noticia á Illm<sup>a</sup>.

—A' mesma, pedindo-lhe que mande limpar e concertar a escadinha que da ladeira da Conceição vae ter á Preguiça, a qual acha-se n'um vergonhoso estado, impedindo o transitio que por alli torna-se mais facil e commodo para muita gente.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá á rua d'Ajuda e acabe com uma caza de jogo

que ha por alli, na qual ha sempre desordens e gritarias. Cumpra.

—Ao fiscal *provisorio* de S. Pedro, ordenando-lhe que vá á travessa da ladeira das Hortas, caza n. 4, e faça valer a postura quanto aos porcos que o mesmo tem em caza. Cumpra.

—Ao fiscal *provisorio* da Sé, ordenando-lhe que vá ao Maciel de Baixo, leja da caza do Sr. Paranhos e intime a uns negros que alli moram o cumprimento da postura que prohibe criar porcos no centro da cidade. Cumpra.

—A assembléa provincial fundamentou uma indicação, elogiando o presidente da provincia por ter ajudado o governo imperial a levar a effeito a politica nobre, sensata e esclarecida, inaugurada no Prata pelo Sr. Saraiva.

—Concordo com restricções.

Sou de parecer que se felicite ao governo provincial, mas quero que me expliquem si é politica nobre, sensata e esclarecida declarar guerra, para ver-se ao depois obrigado a fazer transacções.



— Explique-se, meu amigo!

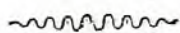
— Com todo o gosto.

Sabe V. que eu concordo com o que fez o Paranhos, por que mais não podia fazer, sem comprometter o Brazil. Não concordo porém com o governo que declarou guerra por não receber satisfações, e deu por finda a guerra sem receber satisfações. . . . .

— An!

— E tudo é assim e o mais são *flores* e viva a patria!

Eis por que não concordo com a nobreza, nem com a sensatez, nem com o esclarecimento do Sr. Saraiva e do ministerio.



— Consta que na Madre de Deus, houve um envenenamento em uma familia inteira, cujo chefe é um Mattos, feitor da fazenda—Enseada—pertencente ao Sr. commendador Thomaz Geremoabo. O envenenamento proveio d'um sacco de farinha que lhe enviaram da ilha das Fontes, e da qual a familia comeu, morrendo immediatamente uma mulher e ficando os outros em deploravel estado, como se pode ver.

— E que providencias houve?

— Um corpo de delicto, sem peritos, feito pelo juiz de paz.

— E o subdelegado?

— Este diz que não está na sua alçada proceder a respeito.

— E o delegado e o chefe?

— E' bem possivel que ignorem o facto.

— E amanhã hão de dizer que a policia da Bahia é superior á da Europa! . . . .



— Na Bahia a guarda nacional não mercede confiança do governo; é toda

vermelha, ou revolucionaria, anarchica, ou *paraguaya*.

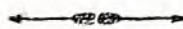
— Quem lhe disse?

— Dizem, e dão como prova o facto de só terem aquartellado tres batalhões, dous dos quaes, o de S. Pedro e Brotas, REAQUARTELLARAM.

Os outros não aquartellam porque os commandantes são vermelhos.

— Ah! ah!

Este mundo tem cousas!

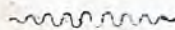


— Acabam de fugir da caza de prisão com trabalho quatro presos, por um rombo feito, não sei onde.

— Aquella caza! vae a mil maravilhas. . . . .

Entretanto *alguem* tem obrigação de correr diariamente os cubiculos, cujo soalho ja foi uma vez encontrado com um rombo, feito a fogo, quando os calafates alli foram trabalhar! . . .

— Viva a energia do Dr. Lucio Bento Cardoso!



— No tempo do Dr. Freitas Henriques, os ligueiros enchiam as columnas das gazetas do Rio com absurdos e disparates á guisa de accusações á policia. Até um homem que se afogava, um incendio n'uma cosinha, um mendigo que morria, eram resultados da policia do Dr. Freitas Henriques!

Hoje repetem-se os assassinatos, os roubos, os furtos, as ratonices e a culpa não é de quem dirige a policia, não Sr.! a culpa é da falta dos meios.

— E que duvida! Não foi por falta de meios, de agentes praticos que escapou das mãos do chefe o *olho-vivo* Sampaio?

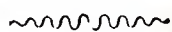
— Pois então reclamem os meios, que do contrario tanto importa cabeça sem corpo como corpo sem cabeça.

Estes ligueiros!



E tem o descoco de comparar esta policia com a da Europa! . . .

Ora muhões!



—Venha cá, meu amigo.

—Prompto, capitão.

—V. merecia agora uns carinhos do muxiugueiro, mas passa por esta vez.

Então como é que V. da-me noticia de que o facto do Bucha se deu na venda *Estrella do Oriente*, quando tal não houve?

—Foi engano, capitão; o facto succedeu no—*Tudo Bom*.

—Pois veja como vem com a cabeça e como dá suas noticias.

---

## VARIÉDADE.

---

### Baralho glorificado.

Em Inglaterra assistia um soldado ao officio, e em vez de ler na biblia o evangelho do dia, como os outros, espalhava um baralho de cartas.

Noteu o sargento a irreverencia, intimou-o para que guardasse as cartas, foi desobedecido, e por isso, logo que acabou o officio, levou o soldado á presença do principal magistrado da cidade, pois o crime era civil.

«O que vos levou a um tão extranho e escandaloso procedimento? Si tendes razões que vos justifiquem dizêi-as, alias sereis rigorosamente punido.

—Sr. diz o soldado, tirando da algibeira o baralho e mostrando ao juiz a carta do az: quando vejo o az, lembro-me de que ha um só Deus; quando vejo o *duque* ou *terno*, recordo-me do Pae e do Filho, ou do Pae, do Filho e do Spirito Santo; os *quatro* fazem-me pensar nos quatro evangelistas; os *cinco* nas cinco virgens sabias que ministravam o oleo á santa lampada; os *seis* dizem-me que em seis dias creou Deus o mundo; os *sete* que no setimo descenderam; os *oito* recordam-me que foram oito as pessoas virtuosas que se

salvaram do diluvio, Noé e seus parentes; os *nove* lembram os nove leprosos purificados pelo Salvador; os *dez* os dez mandamentos da Lei de Deus.

Nisto chegou elle ao *valete*, pol-o de parte e continuando disse:

A *dama* lembra a rainha de Sabá admirando a sabedoria de Salomão; e o *rei* recorda o rei do ceu e tambem o nesso monarcha Jorge III.

Ainda mais Quando conto o numero de pontes que ha nas cartas, acho 365, tantos como os dias do anno; quando conto as cartas, acho 52 tantas como as semanas do anno; quando conto as figuras acho 12, tantas como os mezes do anno.

Deste modo um baralho de cartas é ao mesmo tempo para mim uma biblia, um almanak o um livro de orações.

«Muito bem. lbe diz o magistrado, déstes uma explicação satisfactoria de todas as cartas, menos do *valete*.

—Si V. Ex. promete não se zangar, darei a explicação.

—Falle, não me zangarei.

—O valetes (knave \*) são tratantes e de todos o mais tratante é o sargento que me trouxe a vossa presença.

E' escusado accrescentar que o soldado foi absolvido.

(*Extr.*)

---

## A PERDIDO

---

Pede-se ao José Balsamo do Interesse Publico que chame a attenção do Sr. Dr. chefe de policia para uma celebre casa de jogo onde um caixa do certa casa commercial tem perdido avultadas sommas; porque a não haver uma providencia que repare o mal em quanto é tempo, brevemente teremos de presenciar mais uma defraudação

---

(\*; Knave em inglez-significa valete, vellaco, tratante, etc,



na fortuna alheia o lastimar uma victima de sua louca imprudencia.

O J. . . . .o.

—NADA ÉCION—

### Attencção.

Sr. Redactor.—Como não é possível que a calunnia abuse da boa fé d'um redactor para invectivar homens honestos e moralizados, peço-lhe que transcreva em cada numero do seu jornal os documentos que lhe remetto.

*O inimigo dos infames.*

Illm. Sr. Dr. chefe de policia — Amelio Ferreira da Silva a bem do seu direito precisa que V. S. mande que os escrivães do auditorio revendo os livros competentes certifiquem si o nome do supplicante se acha comprehendido no rol dos culpados.

P. a V. S. se sirva assim o mandar — E. R. M. — *Amelio Ferreira da Silva*. Bahia 16 de novembro de 1860.

D. — P. Alvará. — Bahia e Repartição da Policia 16 de novembro de 1860. — *Silva Moraes*.

Alvará.—O doutor José Pereira da Silva Moraes juiz de direito e chefe de policia n'esta cidade & c. — Mando aos escrivães e tabelliães que costumam fallar as folhas, que vendo este por mim rubricado em seu cumprimento fallem a presente do supplicante com as culpas que tiver ou sem ellas. O que cumpram. Bahia 17 de novembro de 1860.—E eu José Alberto Ramos, escrivão que subscrevi.—*Silva Moraes*.

Nada do supplicante. — Bahia 19 de novembro de 1860. — *Lopes*.

Nada pelo meu cartorio, nem pelo que foi de Chaves, nem pelo do Auditorio de Marinba. — Bahia 19 de novembro de 1860. — *Fialho*.

Nada. — Bahia 19 de novembro de 1860. — *Lopes da Silva*.

Nada pelo meu cartorio, e pelo que foi do escrivão Pinto. — Bahia 19

de novembro de 1860. — *Jorge Ferreira*.

Nada do supplicante. — Bahia e freguesia do Pilar 20 de novembro de 1860. — *Pestana*.

Nada. — Bahia 20 de novembro de 1860.

Nada. — Bahia 20 de novembro de 1860. — *Costa*.

Nada. — Bahia 20 de novembro de 1860. — *França*.

Nada. — Bahia 20 de novembro de 1860 — *Pimenta*.

Nada pelo meu cartorio, nem pelo do escrivão Mundim hoje extincto — Bahia 21 de novembro de 1860. — *Ramos*.

Nada. — Bahia 21 de novembro de 1860 — *Barretto*.

Certifico que fallaram a presente folha os escrivães e tabelliães que costumam fallar a ellas e nada consta do supplicante pelo que passou a presente. — Bahia 23 de novembro de 1860 — *José Joaquim Pinto*.

Sr. Redactor.—Ha dias que leu-se no seu periodico um artigo tractando do facto de estar presa uma familia inteira, por ter fugido um escravo do Sr. major Soares, que se suppoz na casa dessa familia acontado.

Pois bem: a familia acha-se ainda hoje toda presa, apezar d'um decreto recente do distincto Sr. Cons. Furtado, e de ja ter, segundo consta, o Sr. major recebido mais de um conto de reis.

Que esteja uma familia inteira a responder pelos crimes de um, é o que não se pode esperar da recta imparcialidade que distingue ao actual Sr. Dr. chefe de policia.

...

---

### ANNUNCIO.

---

Pede-se ao Sr Lopes que não mette *cunha*, que por S. Luiz vá pagar os charutos que comprou fiado ao Vencedor.





# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 19.ª

BAHIA 25 DE MARÇO DE 1865.

N.º 489.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17, a 40 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 24 de março de 1865.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe que dê destino a uma porção do rapazes que se reúnem n'um sobrado ao Taboão os quaes vivem a insultar todos que passam e a atirar-lhes pedras, a ponto de com suas graças expor a familia do andar superior aos insultos e pancadas de alguns estrangeiros que sendo por elles offendidos, invadiram a casa e desta aaccommettoram os moradores, que nada fazendo se achavam desprevenidos.

Este facto deu-se no domingo 19 do corrente e é provavel que delle tenha S. S. noticia, pois que foram presos os inglezes.

Espera-se que S. S. digne-se attender a tão justo pedido, principalmente nesta epocha em que tanto se precisa augmentar o quadro do exercito.

—Ao Sr. subdelegado da Sé, pedindo-lhe que faça ir á sua presença

e dê conveniente destino a um individuo alfaiate morador na loja n. 6 C, por baixo da casa do Sr. barão de Pirajá que costuma trabalhar em casa em fraldas de camisa, com notavel escandalo para as familias de defronte.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá á rua do Bangala e passe a agarrar uma sucia de vadios que alli ha e que vivem por *graça* a apedrejar os quintaes e casas dos moradores do becco por detraz do quartel da Palma, succedendo um destes dias quebrar-se a cabeça de uma criança que dormia em uma rede, devendo depois de os segurar levar-os de presente ao Exm. Sr. commandante das armas. Cumpra.

~~~~~

—V. viu aquelle magriço que tem catinga de barata?

—Qual? um que veiu do Rio dos *Rosarios*?

—Sim; um que ainda fede á gento que mataram seus parentes, uma raça improvisada de *guerreiros*, quando não passavam de assassinos e ladrões.

—Ah! já sei; é um bigorrilha á similhaça do um *tacão* do couro velho.

—Esse mesmo. Diz-se liberal e ainda estava na schola, já queria ser deputado geral e provincial *para poder servir a seu paiz.*

E entretanto nem delle caso fizeram para enxota-cães. Si galgou uma cadeira, onde serve de palhaço, provocando risos aos companheiros e aos circumstantes, foi só por mera compaixão do filho do valente commendador que mandou para o inferno aquella raça endiabrada.

E agora vem tractar de quem se não occupa delle!

Seria melhor que em vez de levantar falso ao *Alabama* que não dá bicadas em *baratas*, por que não é *galinha em terreiro*; seria melhor, digo, que fosse cuidar na sua incomparavel poesia, recitada no embarque dos voluntarios, unicamente para divertir a rapazeada, por que não ha recita sem comedia, nem comedia sem bobo.

—Elle é tão magrinho, capitão! Eu acho bom, já que elle se intitula de barata, que V. Ex. mande-o deitar na cloaca do navio que ha de engordar por força.

—Pois então encarregue-se V. da execução e tracte de seguir viagem.

—Au revoir.

—Que fim levou a companhia das machambombas?

—Pergunte ao R. Ariani que comprou a casa da rua de Baixo.

—Bem bello! e arretavam tanto!

Tinham mandado vir não sei quantos mil carros para as festas do Natal e até hoje nada....

—Que quer? Si os homens só queriam privilegios de interro!

—Ah! está bem!... fiaram se em sapatos de defunto!....

—Capitão, eu ouvi dizer que a crise dos troços miudos é criada pelos inglezes.

—Não sei.

—Olho, capitão, os inglezes com as desordens que fizeram no Rio de Janeiro, tomando nossas embarcações, é que despertaram ao paiz e ao governo do abandono em que se achava aquelle sem exercito e sem marinha.

Dahi nasceram as providencias.

Agora tambem com esta historia de dinheiro miudo, bem pode ser que appareça alguma providencia segura, para termos um melhor systema monetario, antes que haja muita bordoadá. Veja V. Ex. que já é difficultoso trocar 5\$000 rs.

—E que tem os inglezes com isso?

—Oh! elles não tem aqui um banco, assim como outro em Pernambuco? por que não saccam pelo banco daqui para o de lá? Não parece isso um plano occulto?

Só querem o dinheiro miudo; apesar de ja ter o Exm. presidente prohibido a sahida desse dinheiro, elles não se importam e vão continuando a comprar toda a moeda miuda.

—O Sr. tem raiva dos inglezes.

—Elles são a cauza de todas as desordens que ha no mundo; e agora como estão vendo que nós estamos obtendo alguma vantagem la pelo Sul, estão a mecher a panella para nos pôr em difficultades.

Bem me dizia, capitão, um preto velho a respeito dos inglezes:

«Blanco vremenio, feticceiro munto.

—Ora pipocas!

—Leu o *Jornal*?

—Li; dá noticia de quo o forte de Coimbra foi tomado aos paraguayos.

—Leia.

—Aqui está:

«A tomada de Coimbra.—Lê-se em um jornal de Montevideu:

«A heroica tomada do forte de Coimbra pelos heroicos soldados paraguayos sahio cara ao proprietario do Paraguay.

«144 foram os mortos e 182 os feridos, dos quaes mais de 50 morreram 48 horas depois.»

—Munhoz depoz as armas e submetteu-se com todos os chefes de seu exercito ao governo de Flores.

—Sim; estou lendo.

—Aguirre, a bordo de um navio, pediu licença a Flores para desembarcar!

—Bello! Mas ha de soffrer processo, creio eu.

—Em Salto, os orientaes organisavam um batalhão de voluntarios para marchar com os brazileiros ao Paraguay.

—Bom.

—Lopez armava-se com rapidez.

—Deixal-o. Sua alma, sua palma.

A PEDIDO

—Capitão, estou satisfeito, pela boa policia que ora vae no meu districto.

—Bom proveito. Quem está na vara?

—O Sr. Dias, que não poupa esforços em beneficio da segurança publica. Ha dias mandou que um dos valentões da Cruz do Cosme fosse, a bordo do vapor *Magé*, tomar assento na camara dos recrutas.

—Bom.

—Mas o *supplente* não está contente, depois que lhe *tiraram o feitor*. Mudou-se até.

—Ora deixe-me por S. *Symphronio*!

Dilemma politico conservador.

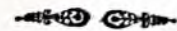
Ou o convenio do Sr. Paranhos é honroso e brilhante, e esse diplomata não podia ser demittido.

Ou o convenio do Sr. Paranhos é defectivo e incompleto, e então elle não seria exautorado.

!!!

O dilemma nos parece claro.

(*Diario do Rio*, transcripto pelo *Jornal da Bahia* de 23 de março)



Atenção.

Constrangido pelos desgostos que nos aperta o coração por ver os limites que vai atingindo a imprensa no seu curso diffamador das melbores reputações, vamos fazer um serviço ao publico desta capital, apresentando os nomes desses individuos que debaixo da capa do *geral interesse* pelas cousas desta terra, que aliás desejam ver confundida nos horrores da maior desgraça, e humilhada pela ideia immoral que d'aqui fóra se fará d'ella são aquelles que mais mal lhe fazem, e farão, por isso mesmo que convem pelo menos apontal-os á gente sensata d'esta capital, para que d'elles fuja como se deve fugir d'almas ruins e condemnadas ao desprezo publico.

Quem vir a loucura com que certos escriptos se querem desvanecer da idéa de moralisar esta terra; quem vir o afiço em apurar os defeitos das cousas e dos homens; quem attender ao zello verdadeiramente pharizaico com que se quer defender os interesses dos bancos e de alguns particulares, pasmará sem duvida quando souber que tudo isto parte de um grupo composto de vultos podres e cheios de mazellas, o então concluirá que a verdadeira desgraça do paiz está em ter de os supportar!

Elles abi vão sem mais observações e admirem.

Joaquim Carvalho Lopes.

F. Francisco dos Mosquitos.

Estes dous senhores são os mais as-

sanhados articulistas, e ontram nas despesas mensaes.

Francisco Chaves Joaquim Teixeira.

F. Antonio Pontes.

Amaro Mamedo Lopes.

Estspidarrões, apenas concorrem para as despesas da guerra.

Machado José Miranda.

Balanciador do dinheiro d'ouro do Banco, e delator de má fé do que n'elle se passa.

Temos mais os Cardozos Polkas, os Bastos & &, de quem faremos brevemente especial menção.

Escusamos acrescentar que outro individuo anda sempre associado; é o Sr. Antonio Barros d'Oliveira, socio ostensivo da imprensa e.....

O coração de Jacob.

Atenção.

FAÇAM-LHE APPLICAÇÃO.

Nos livros dos manifestos da alfandega se encontrará o seguinte—que para moralidade da praça, visto que estamos no tempo das *moralisações*, explicaremos.

« Do Rio Grande em tantos dias patacho *Lina-carro*, carregado por Simões João Lopes á *consignação de Lopes Joaquim Carvalho & Comp.*

Vê-se que o segurissimo Sr. Simões dirigiu a primeira carga a uma casa tão respeitavel que fará embasbacar a-quelles que a apellidam muito solida como qualquer filagrana!..

E qual a razão?

Sabem-na alguns e ignoram-na muitos e é a causa por que nos propomos a explical-a.

Está na memoria de todos a indigna e insolente historia trazida, do centro de uma casa de familia d'onde não respirou além do espaço de um pequeno gabinete, á imprensa, de uns bol-

los que por correção dêu um chefe de uma caza a um rapaz seu recommen-
dado para o fim de fazel-o recuar das immoralidades a que outro o ia condu-
zindo, e que podiam perdello. Este
facto todo reservado e que aliás devia
ser recebido com reconhecimento pelo
severissimo pae da criança foi de tal
forma adulterado, pintado de taes co-
res que o homem esqueceu os prece-
dentes do amigo velho, abraçou a nu-
vem por Juno e o que manda dizer?—
que pelas informações recebidas d'um
cavalheiro que tinha resolvido retirar
seu filho da Bahia e que este cavallei-
ro se apresentaria a recebello e a di-
rigillo a Pernambuco.

O cavalheiro é o Sr. Joaquim Carva-
lho Lopes que recebendo o filho pos-
teriormente veio ainda á imprensa elo-
giar o Sr. Simões como brioso etc. etc.
e a *xingar* ainda o individuo que antes
merecia as honras da amizade deste, e
que a deixara pela mais infame e ne-
gra calumnia, urdida por um homem
do commercio, para ganhar um ou
dous contos de reis!!

E tal é a desgraça por que vamos pas-
sando que a mesma imprensa que pa-
rece pretender moralisar esta terra
exagerou tanto a historia que viu logo
dous brasileiros offendidos—o Sr. Si-
mões e o visitante—quando um d'el-
les é um matalote portuguez e tido por
antropophago e desde muito immo-
ral, que para *leccionar* o seu la-
migo se largava ás nove da noite da
cidade Baixa para a Victoria!

Ora a imprensa não andaria melhor
si fustigasse os patrões desse sujeito
porque o conservam, não ignorando es-
tes factos de sou caixeiro?

Voltaremos á materia.

Que amigo!

No dia 21 do corrente largou-se do escriptorio o Sr. F. dos *Mosquitos* em procura, segundo elle affirmava ante os grupos a que chegava, do doutor juiz do commercio.

De caminho e *a proposito realmente*, dizia: «Elle ha de andar por aqui por que vai examinar os livros do negociante M.», occultando de proposito e de má fé a circumstancia de que, si havia exame, era requerido pelo mesmo negociante para desmascarar seus gratuitos inimigos e calumniadores, e não por outra qualquer circumstancia.

Si fallava com alguém que reputava afeiçoado da victima de sua ferina lingua mostrava compaixão—por ver o referido M. *atassalhado* pela imprensa e dizia—Eu tambem não soffro por causa das administrações das massas fallidas? elle não quer gastar dinheiro porque muito bem se sabe que é o que elles querem; por isso está soffrendo!..

Si differentemente fallava com alguém que reputava inimigo de sua victima, a linguagem era das *congratulações* e tão alegres se meneavam que parecia que estavam no céu de delicias!

Este senhor dos *Mosquitos* é das arábias!

Havemos de discutil o; havemos de trazer ao publico os *papelinhos* de sua lavra em que depois do grande roubo feito pela arrematação das dividas de massa Villarim feita por elle mesmo em nome do seu cunhado, ainda roubava os credores comprando as partes *ja liquidas* que simulasse não o estarem, em nome do mesmo cunhado, e cuja iustrucção para a passagem dos titulos elle escrevia de seu amavel pu-

pho—ao Dr. F. por, Rs. \$, valor recebido do mesmo!

Que ladrão!

Innocencia.

Perguntava certo sujeito sentado debaixo d'uma *oliveira*, e pedia ao Sr. Barros que por S. Antonio lhe dissesse a razão porque elle servia de instrumento aos inimigos do M, levando o mesmo angariando escriptos falsos e calumniosos, quando aliás eram sabidos nesta praça os favores que elle lhe devia.

E' porque elle quer ser *Catão* e é necessario que n'esta epocha não os haja. Propoz-se-lhe paz e amizade si elle protegesse ao M. Passos, e elle recusou-se.

Eu nescesito habilitar-me pelo Tribunal do Commercio e mostrar-me purificado das brineadeiras que fiz ao mesmo commercio, mas cabi em deitar o tal *Catão* como meu credor sem que o fosse e não posso conseguir d'elle o recibo!

E então tenho ou não tenho razão de perseguil-o, infamal-o & & .?

Segundo sua *boa logica* tem muita razão, Sr. Barros.

E que tal é o meninoio!

Prevenção muito a tempo.

Para que o Sr. F. Chaves J. T. continua a animar as provocações, calumnias e mexericos contra quem o tirou do nada?

Para que está gastando dinheiro que devia applicar para cousas mais nobres, e aviltando-se com a amizade d'aquelles que ha pouco o chamavam ladrão e mais ladrão?

Não será melhor conter suas *raibas* e obstar ás dos seus excellentes amigos Mosquitos, Não-medos, Carvalho Lopes, Miranda et reliqua?

Pois como não tem juizo permitta que lhe perguntemos o seguinte.

A razão porque mandou o seu *Não Intrepido* à Cotinguiba tomar assucar branco só proprio para Lisboa comprado a 3\$400, despachando o navio para Longres? Para que estando o referido navio precisando fazer grande obra, que realmento vaé fazer em Lisboa (para o que até Sm. lhe metteu estopa) o despacha para um porto diverso?

Quem acreditará que Sm. arriscava aquelle cangalho no canal neste tempo? E que alcance tem semelhante dissimulação, quando brevemente lhe mostraremos o navio fundeado no Tejo, *si lá puder chegar*.

Si não nos responder explicaremos mais devagar as versões que por ahi correm a respeito.

Ainda perguntaremos as causas por que Sm. comprou dous pretos africanos e passando a escriptura, depois de assim *legalmente* adquiridos, foi illudir a policia para habilital-os como erroulos (pelo que seu despachante devia ser corrido d'alli a pontapés) porque sabia que a capitania não podia admittil-os como. Logo mais explicaremos.

Ainda a razão porque andat'o asanhado com o Sr. Barros que deu pela imprensa novas de sua avó torta, que discutiu tambem aquellas habilitações falsas com que quiz empalmar uma herança, porque Sm. o tinha querido metter na cadeia embargando-lhe sua viagem etc. etc.

Agora está tão cosidinho com o mes-

mo para melhor exercer suas vingancasinhãs, e dar pasto aos seus rancores xingando a quem lhe devia somente merecer respeito.

Esperamos nova provocação e seremos sufficientemente claros para que Sm. não continue a vender bullas falsas; será desmascarado, lh'o affiançamos. .

As Latas d'Espiguilha.

Nada de Bullas falsas.

O heroe do banco, o incomparavel *Ourinol Branco* ha de fazer-nos o favor de declarar as causas porque se ligou tão estreitamente ao senhor que tem cor de *barro* quando ainda ha pouco se mimoseavam mutuamente com o epitheto de ladrão.

Ha de desvanecer a impressão causada, e que ainda se conserva, por uma briga atrevida e perigosa que não acabou ás facadas por cauza do digno consul portuguez intervir na accomodação.

Ha de finalmente esclarecer, si, como se afirma, teria a briga alguma origem no metal que tambem originou o processo do seu cordial amigo de hoje e socio então?

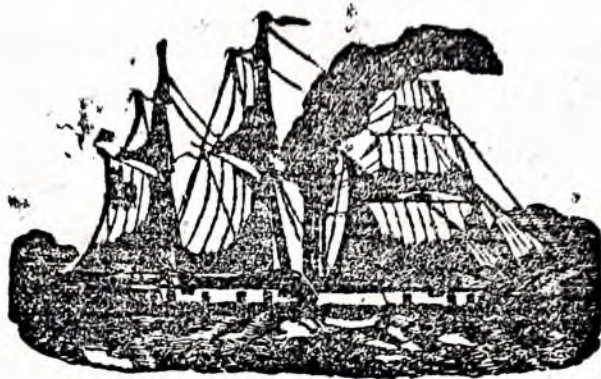
Deus nos livre de fazer juizos temerarios, mas a briga por occasião da separação social, aquella de Sm. para a discussão das *pratas do Dominginhos* parece que denota uma tendencia irresistivel para o referido metal—de *melhor toque* que aquelles achados pelo subdelegado da Conceição da *Maré* na carteira do tal amigo *Barroso*.

Si Sm. descubrisse, ainda que *vasculhasse* alguns cartorios, aquelle processo, então é que nós o proclamariamos o homem do progresso e da sciencia!

Cynico.

ANNUNCIO.

Pede-se ao Sr. Lopes que não mette *cunha*, que por *S. Luiz* vá pagar os charutos que comprou fiado ao Vencedor.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 19.

BAHIA 28 DE MARÇO DE 1865.

N.º 190.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17, a 45 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 27 de março de 1865.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que mande por favor melhorar algumas *tampas de canos* que ha na ladeira que da Palma vae ter ao Gravata, as quaes acham-se de tal sorte collocadas que succedendo alguem pisal-as, entra o pé da pessoa que corre assim grande risco. Este facto ja se noticiou á Illm.^a, haverá alguns seis mezes, e traz-se de novo a seu conhecimento por ter uma moça, n'uma destas noites, passado por uma das ratoeiras que quasi a engole.

—A' mesma, pedindo-lhe que lembre aos fiscaes *provisorios* o cumprimento de certa postura que marca um peso certo para os pães, visto que anda por tudo quanto é padaria porção enorme de *grillos*, que brocando o pão, diminuem-lhe sensivelmente o peso estipulado.

—A' mesma. Tendo o vereador Ber-

nardino de Senna Moreira requerido, a 17 de janeiro, que se mandasse tirar do meio da rua do Taboão uma porção de terra que alli ficou desde o calçamento ultimo, e não havendo até hoje providencias a respeito, pede-se-lh'as nesse sentido, sendo de notar que até nas urgencias requeridas pelos de casa, a Illma. é tão pressurosa como a mais *diligente preguiça!*

—Ora viva a liga!

—Ora vivó!

—Blanco fazе cambra

P'ra non trabaiou.

—E com effeito a nova camara está com honras de estudante *gazeteiro*...

—E a assemblea?

—Oh! oh! oh!

Ha vinte e sete dias que está aberta a sessão e creio que os paes da patria ainda se não reuniram sete vezes!

Hoje 27 de março, depois de dous dias sanctificados, não heuve sessão por falta de numero!

Safa!....

~~~~~



—Não vê o *Numa* resuscitado?

—Fugido pelo contrario.

Não lhe conheço os gestos, os arran-  
cos? Não vê como arregala os olhos?  
Não repara como arregaça os punhos?  
Não nota como pucha os cabellos e os  
espalba? os esgadelha?

E' o liberal *francez do passeio*, o es-  
grimidor de palavras, o botanico que  
intende de marinhagem, o companhei-  
ro trahidor, o orador dos cópos d'agua,  
o *cabocolinho dos Afflictos*, o canario  
d'estalo, a quem deve o hospital da  
Santa Caza uma boa duzia de annos de  
fardamentos, isto é de camisola. E'  
um desertor da caza dos orates.

Nem por tanto lhe refrescaram a ca-  
beça com *saraiva*, toma juizo!

—E falla na diminuta figura do  
Exm. Sr. Des. presidente!

—E' por que elle não sabe que  
«nos pequenos frascos se guardam as  
melhores essencias!» E' por que elle  
ignora que n'um pequeno corpo resi-  
de ás vezes uma alma grande, genero-  
sa, inteiramente diversa da d'aquelles  
de quem se diz: homem grande besta de  
pau.

—E falla em adutores, parentes,  
amigos e nescios!

—Só não falla nos ingratos, por que  
realmente não devem ser contados en-  
tre os de boa fé os tratantes e especu-  
ladores que se esqueceram das eleições  
do directorio e dos que mais contribui-  
ram para o triumpho d'um doudo des-  
almado, ou d'um pedante ridiculo!

—Diz tambem que *Sergipe*...

—Ah! ah! ah! ahi é que está a for-  
ça do verso...

—E' *Cincinnati* applaudido por *Nu-  
ma*!

Bem se diz que o mundo anda hoje  
às avessas! .....

—Foi nomeado o Sr. Emygdio Jo-  
sé da Cunha para servir interina-  
mente o logar de administrador da ca-  
sa de prisã o com trabalho.

—E o *Interesse Publico* julga que a  
cousa vae muito bem.

—E por que não? Suspende-se um  
carcereiro que deixa fugir quatro pre-  
sos de grandes crimes não é de lei? ou  
ao menos de costume?

Não é uma punição da negligencia  
do empregado?

—Será. Mas o que lhe posso garan-  
tir é que o proprio Dr. Lucio Bento  
Cardoso disse que pedira licença para  
tractar-se, sendo por isso nomeado um  
outro.

—Oh! tempora, oh! mores!

O *Diario* official que deu a noticia  
tão ambigua, que venha explicar ao  
publico si o Dr. Lucio está suspenso,  
ou licenciado.

O publico deve ser attendido em  
suas justas pretenções.

—Que sujeito de cavallo é aquelle  
na guarda da caza do governador?

—Diz elle que é o rondante; mas  
creio que é um maluco, *pelo menos*,  
pois que elle mostra ter jantado bem.

—E como o povo o pateia! E' signal  
de que está recitando poesias, ou fa-  
zendo de hobo.

—De malcreado.. pois o patife não  
quiz metter o chicote na sentinella!

—Valha-nos o archânjo S. *Mi-  
guel*!

—Ou antes o esposo da Virgem, o  
bemaventurado S. *José*.

—Como está furioso! parece um  
*leão*!

—Leão ou cão?!

Muxinguero, vao pelo menos espan-  
tor o cujo!

—Eia!

### Errata.

No n.º 189, pag. 3.ª linha 2.ª on-  
de se lê:

«Li; dá noticia de que o forte do  
Coimbra foi tomado aos paraguayos,  
leia-se:

«Li; dá noticia de como o forte de  
Coimbra foi tomada pelos paraguayos.

### A PEDIDO

#### Não pode deixar de fazer es- pecie...

Consta que em cumprimento de cer-  
tas condições acertadas entre os Mos-  
quitos, Amaros, *guarda dos livros* Bas-  
to, o Barros etc. etc. se verificaram al-  
guns negocios *muito importantes!* Um  
d'elles o tratamento d'um da *esqua-*  
*drilha* de Barro, que *entrou* na amavel  
quebradeira sem realmente ter entra-  
do, surdido d'ella mais guapo e mais  
acabado! Outros são certos empresti-  
mos forçados que o ultimo meninorio  
tem *conseguido* dos seus protectores  
d'hoje. Mas isto não é o que nos faz  
arrepisar... As conferencias nos can-  
tos, nos corredores até no da casa do  
Sr. G. P. e C. onde toma sempre  
a palavra, o *guarda dos livros* d'estes  
e diz: Srs, o movimento n'estes dias  
que se prepara o navio de Barro para  
a Costa, é sempre que o Sr. dos Mos-  
quitos tem para o Rio Grande algum  
capitão de peito... Por outro lado o  
grande Bastinho, ambicioso como se  
sabe, com amigos... com cavallos,  
boa casa e sucia n'ella, ordenados que

ainda bem esticados não podem che-  
gar!... As perdas da carne secca e  
diminuição de freguezia por causa de  
uma *maldita* casa nova que se deitou..  
aquella guarda de *honra* commandada  
pelo subdelegado da Praia... no es-  
criptorio de *barro*... *meu Deus* que  
lembrança!... longe de nós *levantar-*  
*mos testemunhos falsos*, mas as coin-  
cidencias são temiveis.....

#### Que fortuna!

Lavra a discordia no campo dos al-  
liados. A desconfiança jaz entre os con-  
frades. E qual a causa? Dal-a-hemos.

O Sr. F. dos Mosquitos intendeu que  
podia organizar uma commissão *mais*  
*distincta, mais honrada, e mais intel-*  
*ligente* para o exame dos livros, exame  
que lhe merece o maior cuidado! En-  
tão dirigiu-se ao dignissimo, intelli-  
gentissimo e sapientissimo guardador  
de livros conhecido por Bastos, empre-  
gado na casa de G. P. e C. para, como  
*digno e consciencioso* inform nte dos li-  
vros *particulares, dos copiadores &c.*  
&c., se prestar a este trabalho, reque-  
rendo-se novo exame. O Sr de Bastinho  
lá mastigou, a pilula custou a seguir  
da guela, e a final não se decidiu; per-  
guntou porém quem eram os compa-  
nheiros? O Sr. dos Mosquitos ficou  
tambem embasbacado como estava o  
digno *amicus*.

—Lembro o Miranda por que andan-  
do carregado de obras bancarias neces-  
sariamente *ha de saber*, muito princi-  
palmente segundo o rifão do estudante:  
—*burro carregado de livros é doutor*.

— Com elle não vou, mas si V. quer  
acompanhar-me, sim.

— Isto não tem resposta, acudiu o  
dos Mosquitos, quando sabe que eu  
sou *grande* ou mesmo *optimo* na minha  
specialidade=*contas de Adm. de mas-*  
*sas*=nada de mais....

— Pois então eu não vou tambem..  
e demais....

— E de mais o que? covarde, tem  
medo?

— Qual medo! Pois não sabe que



nos livros que me convida para examinar tem lá uma falestrua minha quando fui *guardador de livros* naquela casa? Não andou isso já na gazeta?

— Então para que anda todos os dias a insinuar—*bata-o por aqui, bata-o por acolá* e quanta parvoice me tem querido impingir?

— O homem deve ser seguro de suas opiniões, quer calunnie quer não calunnie vae-se por diante, haja o que houver.

— Que cynismo!

### Qual foi o logrado?

Nos planos relativos ao Sr. Simões houve dous amigos que marcharam de accordo mas com fim diverso: o Sr. Carvalho e o Sr. dos Mosquitos. O primeiro entrou na farça para receber a recompensa devida á infamia, calumnia e traição: o segundo a seu turno empregou os mesmos meios e mais, para que essa recompensa lhe viesse *untar as unhas*; cada qual mais primou na bandalheira. O agente do primeiro, o feroz animal (que está pagando já suas boas obras) matreiro como soem ser os lobos, com alguma ascendencia sobre o velho, infiltrou-lhe nos cascos a *solidex* da casa, encareceu os *bons* serviços do tal odre de impostura, ganhou por tanto a partida, que porém se cifra a um só jogo e de naipe preto!

Por bem pouco Judas vendeu a alma!

Será bom que intenda que as mais das vezes pensa-se que se adianta e se atraza; é o que lhe ha de acontecer, visto que caminha por veredas tortuosas.

### Calculo singular.

Um amigo do Sr. Carvalho Lopes querendo evidenciar os lucros provenientes de uma torpe e negra transacção, torpe e negra porque foi originada pela infamia mais revoltante, e pela calumnia mais atroz, fez a seguinte conta:

«Commissão de venda do casco do

*Lina-carro* calculando na rasão maxima do valor de quarenta contos bruto, e pela maior commissão de venda de 3 % ; somma 1.200\$000 (!!!)

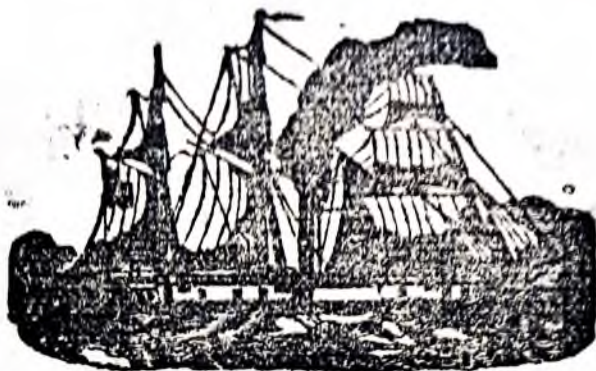
Adiantamento 2 % ; Delcredere 2 % si não menos »

Mas fugindo pela algibeira fóra a segunda destas sommas em calotes, e a primeira não chegando para os descontos (salvo, diz o amigo, si estes são deduzidos no valor da venda, o que se pode dizer á vista da *não equivoca* honra do tal senhor) que se sabe *não serem pequenos*, aqui temos o bonito resultado d'uma torpeza! Judas por pouco mais vendeu a alma. Esperará o Sr. Carvalho Lopes não pagar n'este mundo? Recorde-se do fim de certo grupo calumniador e infame d'outr'ora, como a confraternidade do de hoje!..

### Um favor.

Ao Sr. Pontes se roga encarecidamente que dê um pontapé no seu socio que não cessa de o enrolar em compromettimentos, que lhe trarão, como tem trazido, serios desgostos. E' elle o principal autor d'esses escriptos provocadores, calumniosos e insultantes que por vergonha da Bahia, e muito mais da classe a que Sm. pertence se lêem no *Interesse Publico*, que guiado por falsos dados, e necessariamente por influencias do Barros os publica. Já tendo sido autor do mais sanhudo dos *Piratas* andou disfarçado na Cidade Baixa de nou-te a mettel-os pelas portas conjuntamente com seu despachante o tratante do J. Monteiro J. E sem mais esclarecimentos para agora lhe darmos, concluimos com asseverar-lhe que si não corrigir aquelle tratante, Sm. ha de ouvir novas de sua avó torta, porque si o cohibisse de seus desmandos elle não os praticava; e é muito vulgar o ditado que quem consente fazer o mal sem o evitar podendo, tem as mesmas culpas que aquelle que o pratica!.....

Por um amigo.



# O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 19.ª

BAHIA 30 DE MARÇO DE 1865.

N.º 191.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericórdia n. 17, a 17 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 29 de março de 1865.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que mande o fiscal *provisorio* de Santo Antonio á ladeira do Pilar, assim de executar a postura que diz respeito aos porcos que apparecem em grande quantidade a revolver as imundicias que alli ha em profusão.



—As sessões d'assembléa provincial durarão quatro horas, contadas de minuto a minuto (è do regimento).

Pois os *homens*, depois de faltarem dous, tres dias successivos, abrem a sessão aos doze minutos depois do meio dia e encerram-na á uma hora e dez minutos, como hontem succedeu!

—Que vergonha!

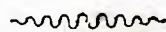
—E todos pagam o crime de certos. .

—Ha deputados (honra lhes seja feita) que vivem realmente envergonhados do procedimento de seus collegas. . . . .

—E a chuparem os taes os cobres! maganões!

Ora hei de dar-me ao trabalho de publicar diariamente os nomes dos que não comparecem.

Safa!



—O *Progresso* de 25 do março dá noticia de que foi preso e amarrado um inspector de quarteirão, por ser vermelho.

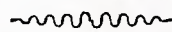
—Onde foi isto?

—Na Conceição da Feira, a mandado do Sr. Dr. Paim que é liberal.

—Manda quem pode.

—Como diz o *Progresso*, que diz tambem que os guardas quebraram os moveis do homem, estragaram-lhe a venda, beberam-lhe o vinho e deram-lhe pancada.

—São cousas do progresso; que se ha de fazer? . . .



—Capitão, uma novidade.

—Qual?

—A sentinella do destacamento no Bomfim recebeu ordem de não deixar entrar no quartel dalli paizano algum,



depois do toque do recolher. O Dr. Freire quiz entrar, ontrou o protestou (é o que dizem) vingar-se da sentinella. E o que corre agora é que o commandante do batalhão a que pertence o guarda (o 7.º) quer prender a sentinella, por ter faltado com o respeito a seu superior, não reconhecendo no Dr. Freire o tenente cirurgião do corpo!..

—Pois reza a tradição que Pedro I. agraciara um guarda do Passeio Publico que recebendo ordem de não consentir cavalleiros no interior do edificio, negara a entrada a elle proprio.

—Mas, meu amigo, *tempora mutantur et nos mutamur in illis*....

### LA VAE VERSO.

#### Esfusiete.

As farrobas da *saraiva*  
Deram todas em *patranha*;  
O governo agora pega-se  
Em frageis téas d'aranha.

Tendo ja em certa epocha,  
Do Prata as *rosas* banido,  
Manda-lhe hoje de presente  
Botão de *rosa* escolhido.

Não tem duvida que o negocio  
Nos trará mui graves dores;  
Tudo aquillo dura tanto  
Quanto podem durar *flores*.

#### Carta de um conservador da *Pojucu* a um ligueiro do *Cufis*.

Compadre, quando me ponho  
A pensar na minha terra;  
Quando me lembro do geito  
Que pode tomar a guerra;

Quando penso no principio  
Da questão que se acabou;  
No presagio mau que houve  
Quando *Saraiva* embarcou;

Tenho ca meus pensamentos,  
Faço minhas conclusões,  
E digo ás vezes comigo,  
Sosinho com meus botões:

Que a *saraiva* que cahiu,  
As casas escangalhando,  
Representava o *Saraiva*  
Guerra, guerra declarando:

Que o *pampeiro* atrevidão  
Que o diplomata empatou,  
Representa o *Paraguay*  
Que o nosso solo pisou;

Que a quebra horrenda das caixas,  
Que ha pouco se fez sentir,  
Significa o dinheiro  
Que sahiu e ha de sahir;

Que duas onças ferozes  
Que S. Paulo amedrontaram,  
São *Munhoz* e *Apparicio*  
Que as fronteiras devastaram.

Pondo tudo em collecção,  
E vendo os signaes de *cima*,  
Sinto muito discordar  
De quem, como tu, me estima.

Mil perdões te peço pois,  
Compadre liberalão;  
Cada um pensa o que quer  
Aonde ha constituição.

#### Resposta.

Compadre, peço licença  
Somente p'ra lhe dizer...  
Não sei si diga... a palavra  
Talvez lhe possa offender...

V. de conservador  
O nome só tem; e hade  
Concordar que bruxo igual  
Nunca teve a humanidade.

Pois que tem o vento e a chuva  
E as onças dos sertões  
Com o que fazem os homens,  
Desta terra os sabichões?!

E vem V. neste tempo,  
Todo progresso e verdade,  
Alimentar prejuizos  
Da velha sociedade!

Mas V., Dr. *Conserua*,  
Tem rasão de isso dizer;  
E' plano seu e dos outros  
Deixar-nos embrutecer;

Levar-nos ao phanatismo,  
Embutir-nos abusões,  
Fazer-nos temer cometas  
E as proprias exhalações.

Sim, Sr. vá *conseruando*  
Que esse tempo se acabou;  
Mas fique certo que o povo  
Ao ministerio apoiou.

Deixando de parte o *cujo*,  
Que de *lama* nos sujou;  
Qu'entrou na dança assim como  
Pilatos no Credo entrou;

Era impossivel deixar,  
Sem logo pol o ás *carreiras*,  
Um ministro tratantorum,  
O chefe das *bandalheiras*.

V. não julga que deve  
Levar carga de sipó  
O valente D. *Aguirre*,  
O espoleta *Juannicó*?

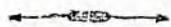
Não queria que a *munheca*  
Se tirasse a um ladrão,  
Que assolando *appareceu*  
As cazas do *Jaguarão*?

Não se devia quebrar  
As ventas do *Palomeque*?  
Co'uma *soveta* espinhar  
Os beiços d outro moleque?

O cadello paraguayoy  
Que de orelhas faz rosario  
Passará vida de *Lopes*,  
Escrivendo o *Semanario*?

Vossês aos orientâes  
Puzeram n'um mau costume...  
Vão ver que davam dinheiro  
Ao Dr. *Estraga-estreme*!

Ora pelo amor de Deus!  
Vão conservar o diabo...  
Vossês não podem fallar,  
Que sae-lhes comprido o rabo.



### Aviso.

Veja lá, manso *bibinho*

*Carneiro* que galhas tem,  
Que si não paga o que deve  
*Tomará obra* também.

Pede que quer a gazeta,  
E nem uma só pagou!  
Tome tento que eu *escrevo*  
E p'ra *relação* me vou.

*Veja si intende.*

## A PEDIDO

Por ora...

Pede se ao *José Balsamo* que declare,  
qual foi a gazeta, qual o redactor a  
quem Mello se dirigiu, quem tal lhe  
contou, como soube de taes particu-  
laridades etc. etc

*Um que quer saber.*

—Capitão vim dizer lhe que appare-  
ceu o selim do Simão das *bixas*, sem  
ser o do beco do Garapa, e que elle não  
quize receber-o dizendo que lhe não  
servia mais e que o velho ficasse com  
elle pelos 26\$000 rs., que elle lhe é  
devedor.

Capitão diga-lhe, que reciba o selim,  
e pague ao velho, que lembre-se dos  
450\$ rs. em ouro que o velho lhe deu  
em 61 em confiança, e que elle depois  
pagou-lhe em ferro velho, como quiz  
e intendeu.

—Simão vê que aquelle velho, que  
alli está, não vive só ainda tem por si a  
mão de Deus, e não é para se igualar  
a ti que vieste para aqui advinhar com  
tuas bichas, tendo por paga da viagem  
o favor, que te quiz fazer algum capi-  
tão de navio; lembra-te que aquelle  
velho quando veio para o Brazil, veio  
com honra, e tendo por timbre o nome  
de portuguez e não o nome de aven-  
tureiro, labrego; porque assim como  
no Brazil ha bons e máus, em Portugal  
ha portuguezes honrados e ladrões e tu  
pertences a esta segunda classe, que  
é o refugio da sociedade; não sejas  
tratante, vae pagar o que deves; anda  
gallego, lembra-te que aquelle velho  
não tem no livro de sua vida uma pagi-  
na negra, e nem escripta com sangue  
albeio, vê si te não escalda a consciên-



cia com os 450\$ rs. que na boa fô agazalhaste, queres mais esta ridicularia, guarda-a, pelo amor do Deus, que tã a outrem pagarás.

*O inimigo dos tratantes.*

—Ora bem! agora correm melhor os de negocios Santa Luzia, em Nazareth.

—Que ha de uovo? O conego Rocha fez algum milagre?

—Não, Sr.; mas pelo menos, nas quartas feiras, ha missa no altar da santa, e pede-se a concurrencia dos fics devotos.

—Que tres firmas são aquellas que vão de barraca em barraca de carne do sertão?

—São os tres inimigos d'alma, mundo, diabo e carne.

—Explique-se.

—Um é o barbudo trahiçoeiro, o outro é o camarão typographo e o terceiro é o batedor de prelos; o primeiro é o falso maior que ha; o segundo é um mexeriqueiro, e o ultimo traz o riso nos labios e o veneno no coração; já teve em 1861 a baixeza de deitar por baixo das portas avulsos contra um collega sou com o fim d'encaixar-se no seu logar.

—Falle-me do presente amigo!

—Elles procuram assignantes para um papel que levam: catam certos sujeitos que em novembro de 1863 assignaram uma correspondencia contra um empregado da camara. (Vide o *Diario* de 1 a 11 de novembro de 1863). Felizmente o empregado defendeu-se tão bem que o Dr. Tiberio, tendo-lhe mandado responder ás accusações, foi tão satisfactoria sua resposta que continuou empregado até 7 de novembro de 1864, em que pediu sua demissão. (*Diario* de 8 do mesmo mez.)

—E que interesse tem os tres diabos em reproduzir o que ja é do dominio publico?

—E' porque sabem que o homem é candidato a fiscal e como tem probabilidade de ser nomiado, tractam de desacredital-o, quando aliás se sabe que elle por não poder servir mais, com a

passada camara, pediu sua demissão.

—Ora deixal-os!

Por mais que tramem nada hão de fazer. A camara actual sabe aquilatar o merito.

Pede-se ao 1.º cadete 1.º sargento da 2.ª companhia do 2.º batalhão de Voluntarios da Patria que não continúe a insultar em publico os cadetes e soldados, como faz no sabbado 23 do corrente, por occasião de ir o referido corpo assistir á missa.

*Um que viu.*

### Pede-se

Ao aspirante que vá ao Genipapeiro e traga para bordo do *Alabama* aquellos duas guapas moças que namoram o cujo de gravata azul, filhas de um italiano e façam rolar pelo porão essas rethoricas que vivem a insultar a todos.

Tão grande favor-lhe será agradecido em nome das virgens santas Francisca e Epiphania.

### ANNUNCIOS.

O abaixo assignado previne ao Sr. thesoureiro das loterias sobre um meio bilhete que um inspector que mora em S. José achou e não quer entregar, de n. 491, para que si sahir qualquer sorte não pague até se justificar, e roga-se ao mesmo Sr. inspector, que é official de pintor que queira entregar visto ter elle achado como prova-se; não declaro o nome por ignorar por ora.

*José Firmino de Oliveira.*

O annuncio publicado nos ns. 188 e 189 deste periodico, não se intende com o Sr. Luiz Ignacio Lopes da Cunha.

Quem tiver uma medalha da Independencia e queira vender, dirija-se á esta typographia, que se lhe dirá quem compra.

